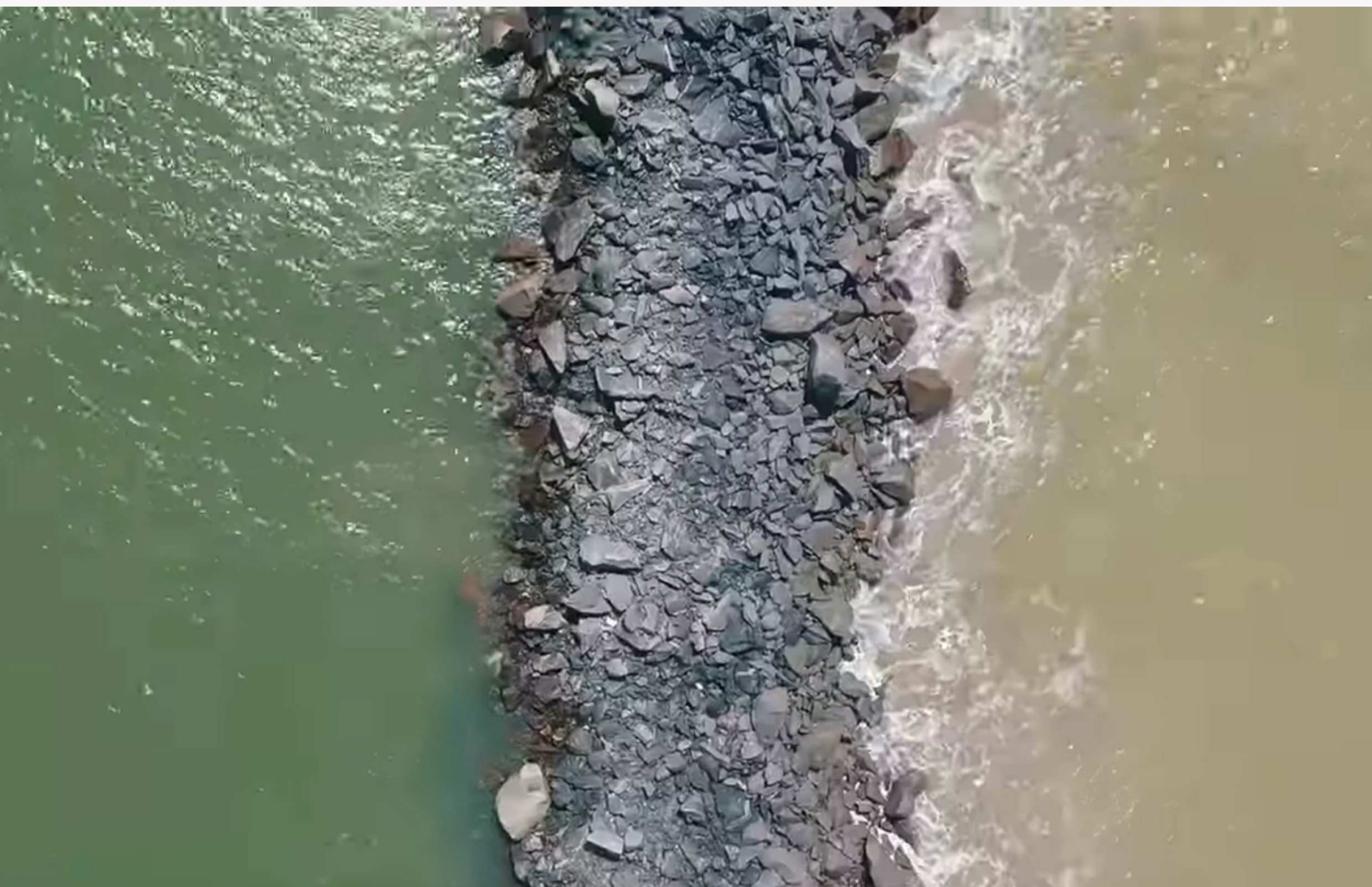




CABEDELLO: LINHAS ENTRE PAISAGEM E MEMÓRIA. GEOPOLÍTICAS E GEOPÓÉTICAS.



AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,
POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS
DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

BEATRIZ SOUSA BORGES

CABEDELLO: LINHAS ENTRE PAISAGEM E MEMÓRIA
GEOPOLÍTICAS E GEOPOÉTICAS

Trabalho de Graduação Integrado

Comissão de acompanhamento permanente

Aline Sanches

David Sperling

Joubert Lancha

Luciana Schenk

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

BB732c Borges, Beatriz Sousa
 Cabedello: linhas entre paisagem e memória.
 Geopolíticas e Geopoéticas. / Beatriz Sousa Borges.
 -- São Carlos, 2021.
 108 p.

Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em
Arquitetura e Urbanismo) -- Instituto de Arquitetura
e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2021.

1. arquitetura da paisagem. 2. land art. 3.
geopoética. 4. cabedello. 5. memória. I. Título.

Comissão do Grupo Temático
Givaldo Medeiros

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229

São Carlos 2021



Atribuição Não Comercial - Compartilhe Igual - CC BY-NC-SA

ÍNDICE

QUESTÕES DE PROJETO

MEMÓRIA E PAISAGEM
ESPAÇO URBANO COMO PROCESSO
GEOPOLÍTICAS E GEOPOÉTICAS
A CIDADE REVELADA

RECONHECENDO O TERRITÓRIO

HISTÓRIA E GEOPOLÍTICA
LEITURAS DO TERRITÓRIO
PROPOSIÇÃO DE CONEXÃO
CARTOGRAFIA ORAL
RECORTE PELA MEMÓRIA

PARTIDO PROJETUAL

FOLCLORE COMO CAMADA
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO
CIDADE COMO PALIMPSESTO
CONSTELAÇÕES DE LUGARES

PROJETO DE GEOPOÉTICAS

CARTOGRAFIA
LISTA DE VERBOS
LUGARES ANDANÇAS
CASQUINHAS DE NOZ
PRANCHAS DE PROJETO
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VIAGEM. RODA DO MUNDO

NUMA CASQUINHA DE NOZ:

ESTIVE EM CABEDELO

O MACACO ME OFERECEU CÔCOS

ÔMANINHA, Ô MANINHA

TU NÃO ETAVAS COMIGO!...

ESTAVAS?

- MANUEL BANDEIRA

A G R A D E C I M E N T O S

Primeiramente, agradeço a banca avaliadora e a todos os leitores desse trabalho de conclusão de curso. Gostaria de agradecer imensamente aos meus professores orientadores, David Sperling e Givaldo Medeiros pelas orientações, ajuda e devolutivas ao longo deste ano de projeto e pesquisa, os quais, sem a sua ajuda não conseguiria ter completado.

Agradeço também a todos aqueles que participaram das entrevistas para a etnografia realizada, chamada de “cartografias orais”. O contato com todas as pessoas queridas que colaboraram me ajudou a entender a memória da cidade, a história dos lugares, e os diversos afetos pelo lugar que é tão especial. Dentre os participantes em especial, agradeço a minha vó, Nucilete de Araujo Sousa, que não apenas me inspirou na escolha do local mas também de quem eu herdei uma conexão a cidade de Cabedelo, que constitui também parte das minhas origens e um afeto que só aumentou ao longo deste ano.

TEMA E QUESTÕES DE PROJETO

MEMÓRIA DA PAISAGEM

Buscando compreender as relações capazes de construir significados à paisagem, é possível buscar nelas o teor de apreensão subjetiva quanto ao espaço, da relação entre lugar e indivíduo. Torna-se parte dessa indagação, os afetos que indivíduos são capazes de sentir em determinada paisagem, podendo assimilar as características urbanas que ali se colocam. No espaço, por sua parte, é possível traduzir uma coleção de símbolos e signos que sintetizam uma memória, pelo imaginário do lugar, junto com os aspectos que tonificam sentimento de pertencimento a esse local. Considerando a relação do habitar em cidades com paisagens da memória, torna-se necessária a compreensão dos significados de memória e o que define enquanto relação subjetiva e coletiva.

No texto “Entre memória e história”, Pierre Nora faz uma distinção entre ambas as noções, alegando que nem sempre locais institucionalizados ou tombados por historiadores são os que possuem uma memória coletiva e viva para aqueles que habitam o determinado local. A memória está presente no atual e possui um caráter espontâneo que a torna sujeita a dicotomia do esquecimento ou da lembrança. Elas nascem a partir daqueles que ela é capaz de reunir. Como exemplo, a necessidade de institucionalizar um espaço, designar aniversários da cidade ou datas comemorativas como elementos importantes para a história não necessariamente está inserida num contexto de afeto coletivo ou individual. Nessa reflexão, enxerga-se a necessidade obsessiva de arquivar como uma angústia da perda do passado e medo de um futuro incerto, sem memórias.¹

1 NORA, 1993

Tal questão reforça a espontaneidade que se manifesta na memória, como pertencente ao cotidiano e reflexo das relações atuais. A memória nasce a partir daqueles que ela é capaz de reunir.

“Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e nesse sentido está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, (...) Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a conformam, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais e flutuais, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, censo, censura ou projeções. É múltipla, e desacelerada, coletiva, plural e individualizadas”

(NORA, 1993)

Entende-se como uma memória não arquivada, mas que ainda reverbera no imaginário coletivo, como uma memória afetiva de cunho regional e único a cada espaço e paisagem. Dessa forma, é possível entender a memória relacionada ao espaço e aos acontecimentos que ele guarda.

Os lugares são espaços com memória, nutridos e transformados com o cotidiano. Nesse sentido, tais lugares não necessitam de uma memória histórica e sim de uma relação cotidiana que fortalece os afetos e a caracterização de determinado local.

Tendo isso em mente, os locais marginalizados ou considerados banais são capazes de possuírem uma memória com estrelinhas singelas, fortalecidas pelos símbolos ali presentes e pelo cotidiano que o explora.

A autora Anne Whiston Spirn coloca que as paisagens afirmam ou negam a memória do local, seja ela cultural, coletiva, individual ou uma memória geográfica que dialoga com a própria transformação do mundo nas ordens naturais. A paisagem se coloca no território como parte do tempo, do espaço e de várias narrativas a qual ela pertence.² **2 SPIRN, 1993**

É possível entender no conceito de Espaço Social³ de David Harvey uma relação íntima com a paisagem: na qual os afetos criados pelo local são de dimensão singular e subjetiva. Harvey explica esse conceito identificando que o indivíduo, ao entrar em contato com determinados símbolos na paisagem, é tomado por um complexo de sentimentos e imagens individuais sobre a mesma, e de reações dirigidas ao simbolismo espacial que cerca esses mesmos indivíduos, construindo um sentimento que se torna coletivo àqueles nesse mesmo espaço. A memória da paisagem nesse sentido pode ser compreendida na relação dos afetos com o local e a busca por fortalecer os símbolos do lugar que estruturam essas relações. As mesmo tempo, é possível entender a tomados dos espaços marginalizados, que evocam a sensação de pertencimento como uma luta ao Direito à Cidade, entendendo na

3 HARVEY, 2014

tomada dos espaços à margem como local de encontro a experiências fenomenológicas, que devem integrar-se aos espaços públicos.

David Harvey define o Direito à Cidade como um direito mais abrangente que apenas o direito de ir e vir ou o direito de ocupar os espaços que as cidades dispõem. A cidade de forma à partir das concepções humanas, projetando no espaço a vontade daqueles com capacidade de modificá-la, registro de uma desigualdade e estratificação por classes; Nesse sentido, o direito à cidade seria o “direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com nossos mais profundos desejos.”⁴

4 HARVEY, 1980

O modo de produção capitalista possui influência direta na produção urbana que constroem, visando o lucro como o principal fator para o seu desenvolvimento. A eterna “mais-valia” capitalista transforma as cidades freneticamente e apaga de forma impositiva a memória da paisagem.

Considerando tal cenário, a intenção de construir cidade que consideram a memória de seus habitantes, seus afetos e sua noção de identidade, também se conforma como Direito à Cidade, na qual indivíduos têm o direito de preservar as paisagens afetivas como um patrimônio.

Destaca-se como crucial a memória nas paisagens o uso dos espaços como forma de abrigar, criar e incitar lembranças. Entender a memória como um elemento guiador para uma leitura urbana significa olhar as camadas indivisíveis das formas, volumes, espaços e vazios, que formam o ambiente urbano, as memórias que ali pertencem e as pessoas que as invocam.

TEMA E QUESTÕES DE PROJETO

O ESPAÇO URBANO COMO A ACUMULAÇÃO DE PROCESSOS

Ao tratar da memória, o tempo atuando sobre as cidades se torna tema do projeto, na medida em que se entende o espaço urbano como um processo cumulativo de ações humanas decorridas ao longo de vários períodos. As rugosidades da cidade marcam o território registrando “o que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, e o que resta do processo de supressão acumulação superposição com que as coisas se substituem e se acumulam em todos os lugares”.⁵ Apresenta-se como uma acumulação de camadas, que deixam na cidade formas, sejam elas visíveis ou invisíveis. As invisíveis podendo ter sido apagadas com o tempo ou existirem na imaterialidade, que se reproduzem com o corpo, com a voz, são contadas pelas histórias e passadas para frente.

5 SANTOS, 2002

Buscar ler a cidade como uma acumulação de camadas, inseridas com o tempo, explicita a ação do homem na paisagem, pela cultura, pela exploração, e pela transformação. Esse trabalho busca explorar as camadas que constituem a cidade de Cabedelo, Paraíba, entendendo em seu espaço a noção de palimpsesto urbano. Neste, as marcas do tempo devem ser investigadas, no caso através da história e da memória.

Entender o contexto urbano como palimpsesto significa também a possibilidade de utilizar o território como objeto de estudo, percebendo as várias ações do tempo sobre o espaço, vendo na acumulação das formas atuais diferentes registros temporais. O espaço se mostra como um reservatório de escritas e imagens que “sobreposto e camuflados se ocultam uns sobre os outros”.⁶

Além do território físico e sólidos, os habitantes da cidade se tornam registros dessa acumulação do tempo, pela forma como utilizam a cidade e são capazes de guardar e projetar lembranças de como um dia já foi, e como desejam que a cidade fosse.

“O que chamamos de paisagem urbana é sempre uma paisagem social, fruto da ação da cultura sobre a natureza, obra do homem a transformar o meio ambiente.. Nesse espaço construído a passagem de tempo altera as formas (...) Nesta medida, a cidade enquanto materialidade é palimpsesto de formas, que remetem à imagem arcaica do tecido ou da trama na qual se superpõe várias camadas, mais ou menos aparentes, se não invisíveis como de todo”

(PESAVENN, 1992)

Parte da questão desse trabalho se ampara justamente na leitura dessas camadas sobre a cidade de Cabedelo, com o objetivo de criar um projeto da paisagem consciente do tempo, capaz de marcar e evidenciar as transformações ocorridas. Além disso, o recurso do palimpsesto urbano determina a possibilidade de costurar fragmentos da cidade pela narrativa da memória, criando um projeto de paisagem que dialoga com o espaço, o tempo e a memória.

“Costura e montagem, bordado e colagem, trama, urdidura, reaproveitamento juntando textos e imagens de moldes a recompor, pelo esforço da representação mental, uma cidade desaparecida mas agora presente na elaboração imaginária de um contexto urbano passado”

(PESAVENN, 1992)

6 PESAVENN, 1992

O escritor Ítalo Calvino expõe que para que as cidades não se mostrem apenas como uma única cidade, apenas expressada pela sua fragmentação de sua formação física, é possível vincular as diversas camadas que nela existem: as diversas cidades que se acumulam no mesmo local. Para isso, é possível associar o atual e o passado, estabelecendo articulações com as diversas cidades. Com esse fim, pode-se relacionar as partes demonstrando narrativas estabelecendo correlações apontando aos pontos ocultos, as continuidades, ou marcando as rupturas no espaço presente.⁷

Notando a camada de memórias individuais sobre as cidades, dentro do conceito do espaço urbano como palimpsesto é possível perceber nas relações subjetivas com a cidades, formas distintas de traduzi-las, não apenas os locais, mas também acontecimentos, memórias e sentimentos relacionados aos espaços.

“Para Walter Benjamin, o seu corpo se mistura à cidade e os mapas têm um conteúdo afetivo. Os monumentos e obras dispersas na cidade podem conter sentimentos internos, lembranças individuais. Nessa perspectiva o mapa da cidade se mistura à vida de seus habitantes. Os tableaux urbanes são a forma literária que Benjamin desenvolve para apresentar a imagem dos lugares que se fundem na memória e em sua bibliografia. Sua obra aposta para essa arqueologia da sensibilidade tanto no âmbito pessoal, quanto no coletivo. Revela seus sonhos ao interpretar os sonhos coletivos.”

(FREIRE, 1995)

7 CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

8 BENJAMIN, Walter. **Crônica berlinense**, 1992. In: BOLLE, Willi. As siglas em cores no trabalho das passagens de W. Benjamin. Estudos avançados, São Paulo. n. 10, n. 21. p 55, maio-ago-1996.

Quando eu estiver velho, gostaria de ter no corredor da minha casa
Um mapa Pharus de Berlim
Com uma legenda
Pontos azuis designariam as ruas onde morei
Pontos amarelos, os lugares onde moravam minhas namoradas
Triângulos marrons, os túmulos
Nos cemitérios de Berlim onde jazem os que foram próximos a mim
E linhas pretas redesenharam os caminhos
No Zoológico ou no Tiergarten
Que percorri conversando com as garotas
E flechas de todas as cores apontariam os lugares nos arredores
Onde deliberava sobre as semanas berlinenses
E muitos quadrados vermelhos marcariam os aposentos
Do amor da mais baixa espécie ou do amor mais abrigado do vento.

Walter Benjamin, 1932⁸

No poema, Walter Benjamin faz uma cartografia oral da cidade de Berlim de acordo com suas experiências ao longo da vida. De forma semelhante, Mario de Andrade faz um mapa oral de São Paulo, relacionado aos locais na cidade onde deixaria pedaços de seu corpo após falecer.

O teor simbólico dos locais citados em ambas as poesias registram formas de monumentalizar espaço de acordo com uma narrativa pessoal. Porém, apesar de subjetivos, os poemas são capazes de falar sobre uma memória coletiva dos espaços, que se dão pelos acontecimentos que lá ocorrem, na ordem dos espaços públicos e simbólicos para o imaginária da cidade num sentido geral.

Lira Paulistana

Quando eu morrer quero ficar,
Não contem aos meus inimigos,
Sepultado em minha cidade,
Saudade.

Meus pés enterrem na rua Aurora,
No Paissandu deixem meu sexo,
Na Lopes Chaves a cabeça
Esqueçam.

No Pátio do Colégio afundem
O meu coração paulistano:
Um coração vivo e um defunto
Bem juntos.

Escondam no Correio o ouvido
Direito, o esquerdo nos Telégrafos,
Quero saber da vida alheia,
Sereia.

O nariz guardem nos rosais,
A língua no alto do Ipiranga
Para cantar a liberdade.
Saudade...

Os olhos lá no Jaraguá
Assistirão ao que há de vir,
O joelho na Universidade,
Saudade...

As mãos atirem por aí,
Que desvivam como viveram,
As tripas atirem pro Diabo,
Que o espírito será de Deus.
Adeus.

Compreender camadas invisíveis da cidade de Cabedelo, incluindo leituras subjetivas daqueles que lá habitam, sobrepostas num palimpsesto urbano, se torna uma das estratégias fundamentais de leitura do lugar, e de partido de projeto. A investigação projetual se dá na aproximação dessas camadas, na medida em que se propõe as devidas articulações entre eles, por intermédio da arquitetura da paisagem.

9 ANDRADE, Mario. **Poesias completas**. "Quando eu morrer eu quero ficar". Belo Horizonte. S-Paulo: Itatiaia/EdUSP, 1987.



Cabedelo: pequeno cabo ou dunas de areia

RECONHECENDO O TERRITÓRIO

HISTÓRIA E GEOPOLÍTICA

Atualmente a cidade se configura como ponto zera da rodovia transamazônica, afirmando um papel exportador, importador e colonizado continuado desde as colonizações. A Transamazônica (BR 230) tem origem no Porto de Cabedelo, inaugurado em 1934, evento que transformou a cidade, desencadeando uma “urbanização desenfreada” com a elevação do uso do solo. Essa condição agrava não apenas problemas de erosão marítima que a cidade sofre, mas também inseriu padrões de segregação sobre o espaço urbano.

Encostada ao limite do porto, a Fortaleza Santa Catarina ainda existe como um dos pontos turísticos da cidade. A linha rodoviária reforça o papel da relação de entrada ao país e a subsequente interiorização e exploração da terra, podendo ser interpretada como uma transformação no papel da cidade no contexto nacional e internacional.

Cabedelo possui uma relação com a capital do estado, João Pessoa, de conurbação urbana. A extrapolação do limite territorial das fronteiras é demonstrado não apenas pela continuidade da malha urbana mas também pelo uso do solo da cidade, utilizada tanto por uma classe desfavorecida de trabalhadores da cidade de João Pessoa quanto às classes altas que habitam em condomínios fechados ou possuem casas de veraneio. Dessa forma, ao longo da linha de trem, paralela a BR, a cidade de Cabedelo concentra habitação daqueles que utilizam desse transporte para o trabalho na capital. A orla da cidade é majoritariamente ocupada por casas de veraneio, habitantes originais de João Pessoa.

A relação com o rio e o mar que margeiam a cidade integram traços que se alastram ao longo do tempo. Significativa parcela dos moradores de Cabedelo viviam da pesca, prática comum na praia Ponta de Matos, Jardim Manguinhos e Camboinha sendo historicamente uma das principais atividades econômicas da cidade, “empregando 64% da população entre 1960 e 1970”.⁸

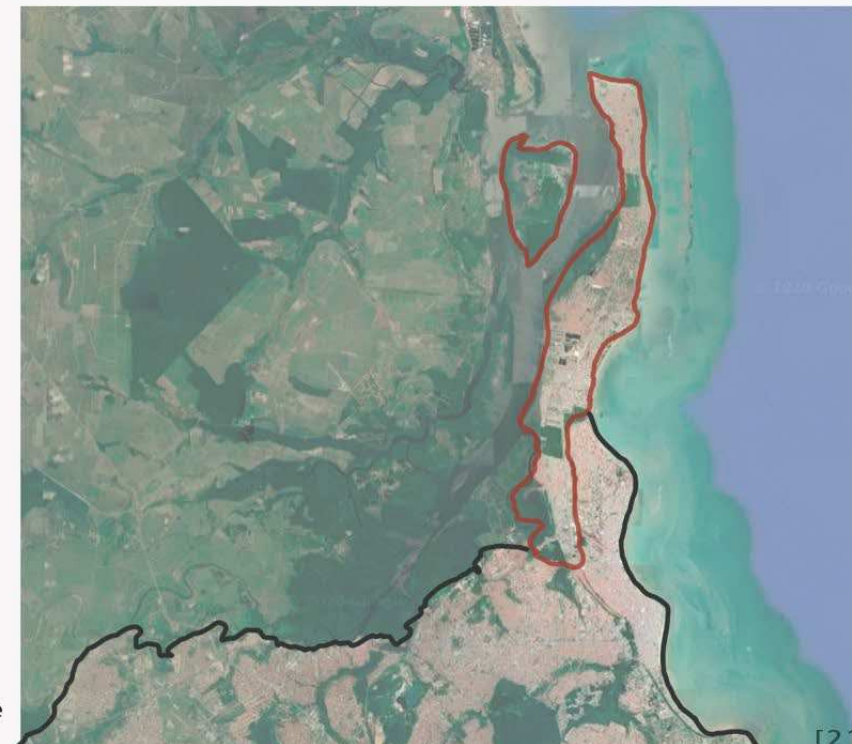
Transamazônica BR 230. Corte no território Brasileiro de forma transversal, iniciando em Cabedelo. 1969-1972



Porto e Transamazônica Corte no território de Cabedelo pela transformação da transamazônica. Hoje o sexto porto brasileiro com maior influência no território nacional.



Conurbação com João Pessoa. Limite do município de Cabedelo se alastra ao limite de João Pessoa, capital Paraibana.



RECONHECENDO O TERRITÓRIO

LEITURAS URBANAS



Morfologia de quadras

Eixos estruturantes

Comunidades em situação de vulnerabilidade

- BR 230
- Ferrovía
- Estações de trem



Matas e áreas verdes

Equipamentos públicos

- Reserva ambiental
- Matas
- Lagos
- Áreas livres
- Praças

- Equipamentos esportivos
- Equipamentos de Saúde
- Equipamentos culturais
- Creche
- Faculdade
- Escolas

RECONHECENDO O TERRITÓRIO

LEITURAS URBANAS: SÍNTESE

À partir das leituras urbanas foi possível interpretar padrões na forma como o território da cidade de Cabedelo se configura. A identificação das áreas livres, dos eixos estruturais, das situações específicas de uso de solo, e do mapeamento de comunidades vulneráveis perpetuou na distinção de algumas questões que atingem o contexto atual da cidade.

Na leitura urbana, foi possível identificar uma fragmentação do espaço no qual os eixos estruturante reforçam uma segregação de espaços que refletem também condições socioeconômicas. Nota-se no espaço ao longo das margens do Rio Paraíba, acompanhado pela linha ferroviária e pelas áreas de mata protegidas ambientalmente, a alocação de várias comunidades em situação de vulnerabilidade social.¹⁰

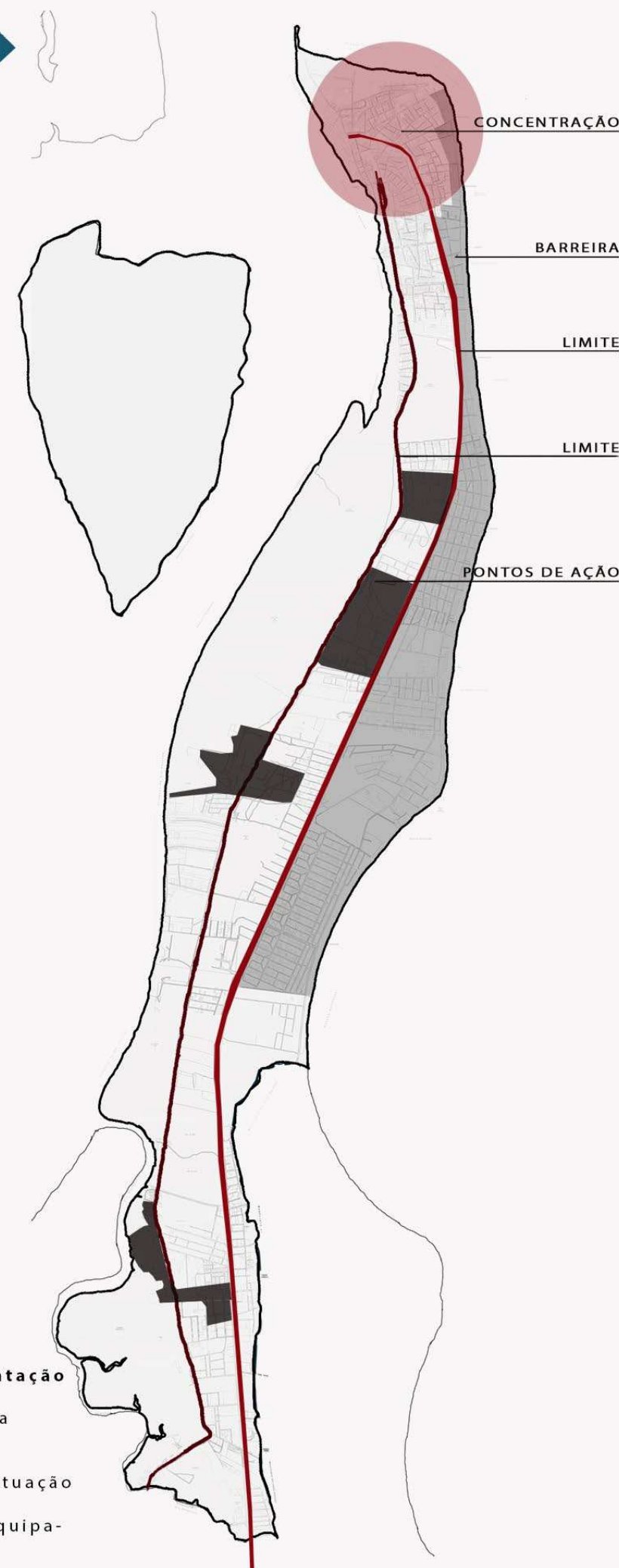
Do lado oposto, na orla da praia, a ocupação temporária de veraneio se mostra majoritária, ocupando o espaço de maior valor da terra, impulsionada pelo caráter turístico e de lazer da praia. A rodovia transamazônica atua como um limite claro nessa segregação do espaço, dividindo a cidade de Cabedelo em duas. A presença de condomínios fechados estrapola o limite colocado pela rodovia acontece. Essa forma de habitação também está associada a um ponto turístico, na "Praia" de Jacaré, ponto a margem do rio. O centro de Cabedelo, Bairro Ponta de Matos e St. Catarina, localizados na ponta da península, concentram os equipamentos públicos da cidade.

A representação de imagens ao lado mostra as diferentes "abedelos" divididas pelos limites colocados pelos eixos estruturantes. A visão tridimensional também ajuda a perceber alguns padrões de ocupação relacionados a densidade de casas e edifícios.

Diagramas com
imagens retiradas
do Google Street
View

Padrões de Fragmentação

- Ocupação temporária
- BR 230
- Ferrovia
- Comunidades em situação de vulnerabilidade
- Concentração de equipamentos públicos



RECONHECENDO O TERRITÓRIO

LEITURAS URBANAS: PROPOSTAS

Considerando os padrões de fragmentação identificados nas leituras da cidade, se coloca como resposta uma intervenção com a possibilidade de quebrar a segregação indicada pelos eixos da cidade.

Como objetivo, o gesto de articular os espaços com transversais pelo território da cidade se configura como diretriz do projeto, resposta para uma maior democratização do espaço. Tal democratização se concretiza como acesso a infraestrutura mas também a experiências proporcionadas pelos elementos naturais da península: as matas nativas, o rio e o oceano.

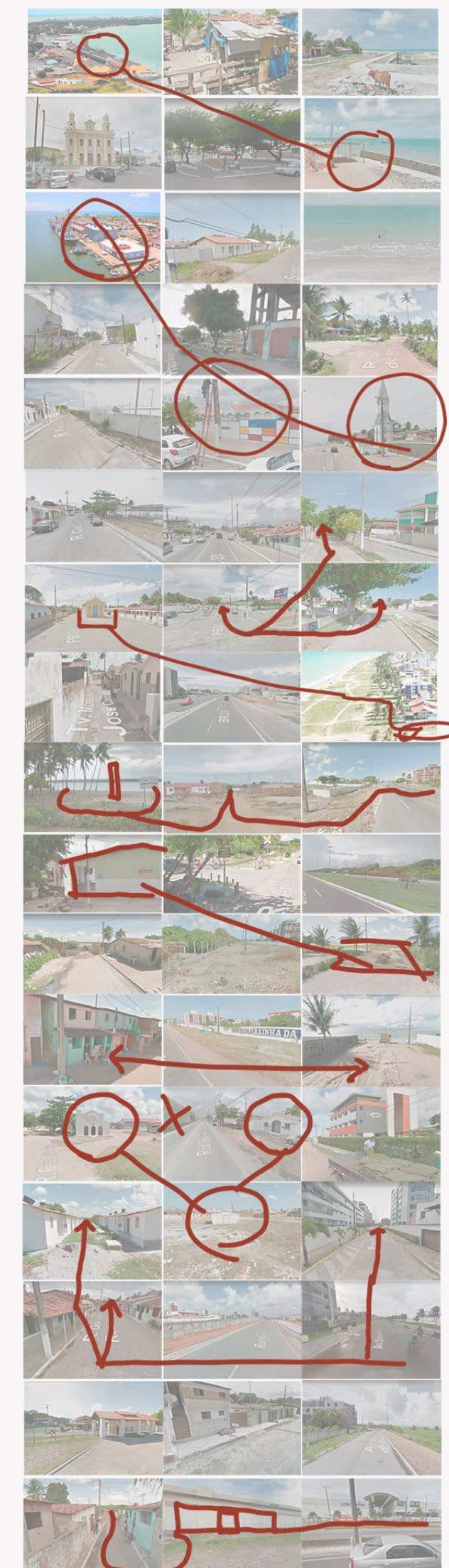
A diretriz de “costurar” o território com linhas de acesso se demonstra também como forma de romper os limites e barreiras que o território coloca, assim como criar percursos capazes de serem feitos de forma peatonal, possibilitando um sistema de espaços e equipamentos. Esse sistema possui a capacidade de integrar necessidades de habitação de qualidade, suprir demandas de equipamentos públicos e privados assim como de espaços livres de qualidade urbana para cultura, lazer e estar. Da mesma forma, o gesto possibilita a criação de um sistema sobre a cidade que considera questões locais de narrativa, símbolos e percursos, sendo uma possibilidade de articulação de elementos da paisagem ocultos pelo padrão atual de ocupação da cidade.

O diagrama de imagens da cidade, antes fragmentado pela ferrovia e transamazônica demonstra uma possibilidade de articulação entre espaços, símbolos, e lugares capazes de dialogarem pelas suas semelhanças e distinções. As linhas de Rio ao Mar possibilitam experiências na paisagem com diferentes situações que levam novamente a uma grande corpo d’água.

Diagramas com
imagens retiradas
do Google Street
View

Costuras urbanas

Integração das áreas da cidade de Cabedelo, a partir de transversais de Rio a Mar com equipamentos públicos, culturais, de educação saúde e lazer.



RECONHECENDO O TERRITÓRIO

CARTOGRAFIAS ORAIS

Como estratégia de leitura das camadas de memória da cidade de Cabedelo, as cartografias orais se apresentaram como forma de visualizar no território camadas da subjetividade, da individualidade daqueles que habitam na cidade. Desvendando olhares invisíveis nas leituras histórias ou e análise urbana, lugares que guardam memórias se mostravam sobre o mapa como uma constelação.

Tal leitura foi possível com chamadas de voz e de vídeo digitais no qual o morador passeava pela cidade, pelo Google street view, mostrando os lugares que considera importante. Então, os passeios foram registrados como cartografias sobre o mapa de Cabedelo. O registro no plano bidimensional ocorreu junto com anotações de falas dos indivíduos entrevistados assim como imagens fornecidas via aplicativos de conversa, ou pesquisadas em outros aplicativos. Cada pessoa entrevistada possuiu uma camada no mapa cartografado, as quais foram possíveis de serem sobrepostas para verificar lugares que coincidentes. Os discursos das pessoas incluíam histórias da infância, das atividades cotidianas, dos eventos da cidade, assim como momentos de apropriação e reinvindicação. Dentre essas narrativas foi possível identificar na fotografia interlocuções, como foi do caso da imagem a direita: uma mobilização pelo restauro da Fortaleza de Santa Catarina.

Á partir das conversas, novas fontes de informação da cidade foram incluídas na pesquisa e na cartografia. Dentre essas fontes, uma personagem recorrente era citada: a Tia Beta, (Elizabeth Ferreira da Silva, 1924-2003) conhecida por contar histórias de cabedelo, contos e lendas, passados de forma oral pela cidade. A Tia Beta também educava, pela narrativa contada em rodas a história de Cabedelo, suas memórias de infância.

Reinvindicação
pelo restauro da
Fortaleza Santa
Catarina. Fonte:
Oswaldo Cruz,
1969.



RAIMUNDA- MEMÓRIAS.



a câmera fixa do lado da casa



Único lugar que
ainda tem coqueiro.
Cobedelo só tinha coqueiro!
Árvore e coqueiro



Ruínas:
em uma
igreja

de 1920 Polchicoz - lugar
importante da
Cobedelo.

esse padre é
muito conhecido.
é o ponto turístico!
é o formato da estrela

armazém dos silos,
armazém mercadorias
do porto

Sagrado coração de
Jesus.

avaliar bem o ponto

mercado de
São Sebastião

lugar onde
eu mais vou:
mercado central

gosto de visitar
os cavalos!

Paisagem deslumbrante, né? É
bela

Não gosto de
preço não

parei 31/01 =!

Barra, bem
gostoso.

tinha muito
buzinho,
hoje não
tem mais.

Saudades das lembranças
dos pais dos amigos.

Monumento nossa senhora.
Omar foi entrando na cidade

único lugar que ainda tem coqueiro
é lindo de tirar foto, ouvir o
som do coqueiro, do vento.
Fog frito, mas tinha medo do fogo cair
na minha cabeça

hotel

tem esse rio.
base turística tem
pontos turísticos

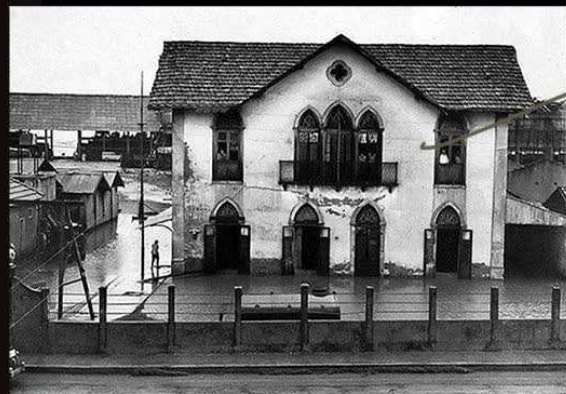


gato da Rosana

estou aqui em estudos!

estou fazendo um golpão

teatro: Altamar Pimentel
grupo TEA: antes era na rua!
lá na rua do Novo



Teatro
antigo



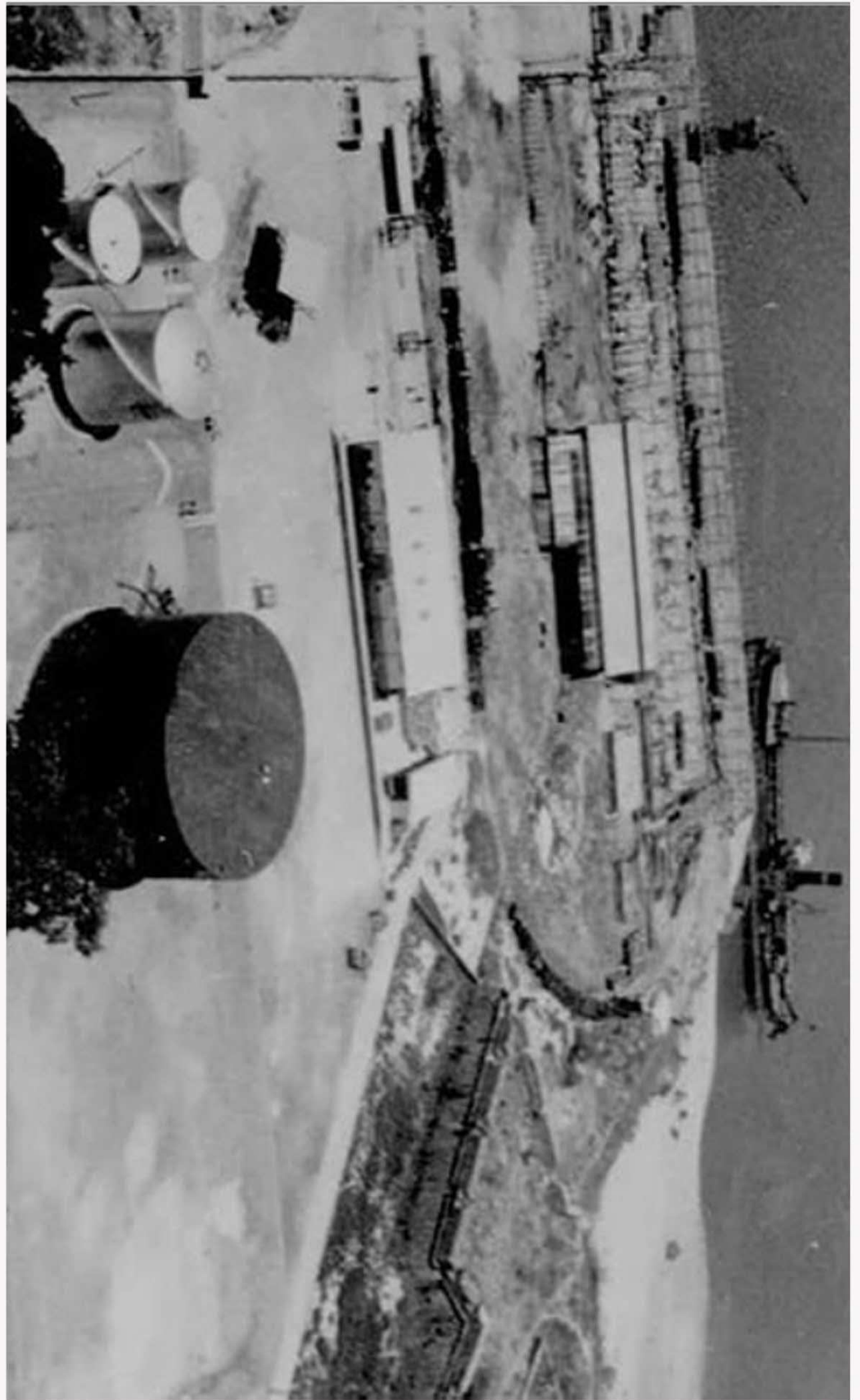
Quem me dera tudo saber,
De Cabedelo, em só dia,
Para descrever ao público,
Com a mais grande alegria,
P'ra falar em suas campinas,
Que pelo inverno se enchia,
P'ra falar dos pescadores,
P'ra falar de seus amores,
P'ra falar de suas Igrejas,
E da sua romaria.

RECONHECENDO O TERRITÓRIO

CARTOGRAFIAS ORAIS

As cartografias orais possibilitaram não apenas memórias faladas mas a acumulação de imagens pertencentes a outro tempo. As fotografias compartilhadas pelos entrevistado podem ilustrar pequenos momentos que compõe as camadas da cidade de Cabedelo.

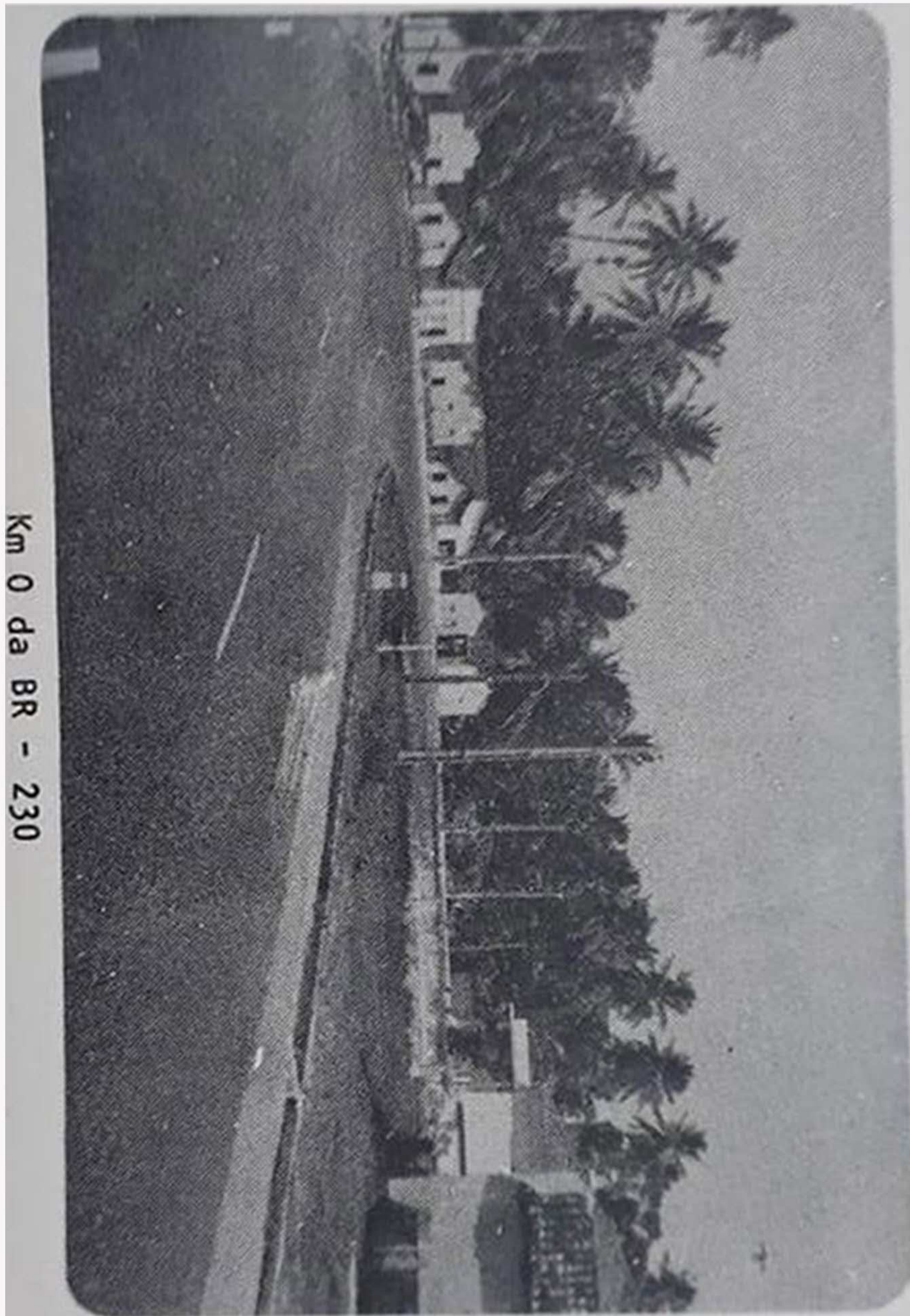
A escolha por mostrá-las como um álbum de fotografias, pelos locais que se mostraram importantes pelas conversas, se configurou como a revelação de pequenos lapsos da memória daqueles que compartilharam suas vivências em Cabedelo.







Km 0 da BR - 230





RECONHECENDO O TERRITÓRIO

RECORTE PELA MEMÓRIA

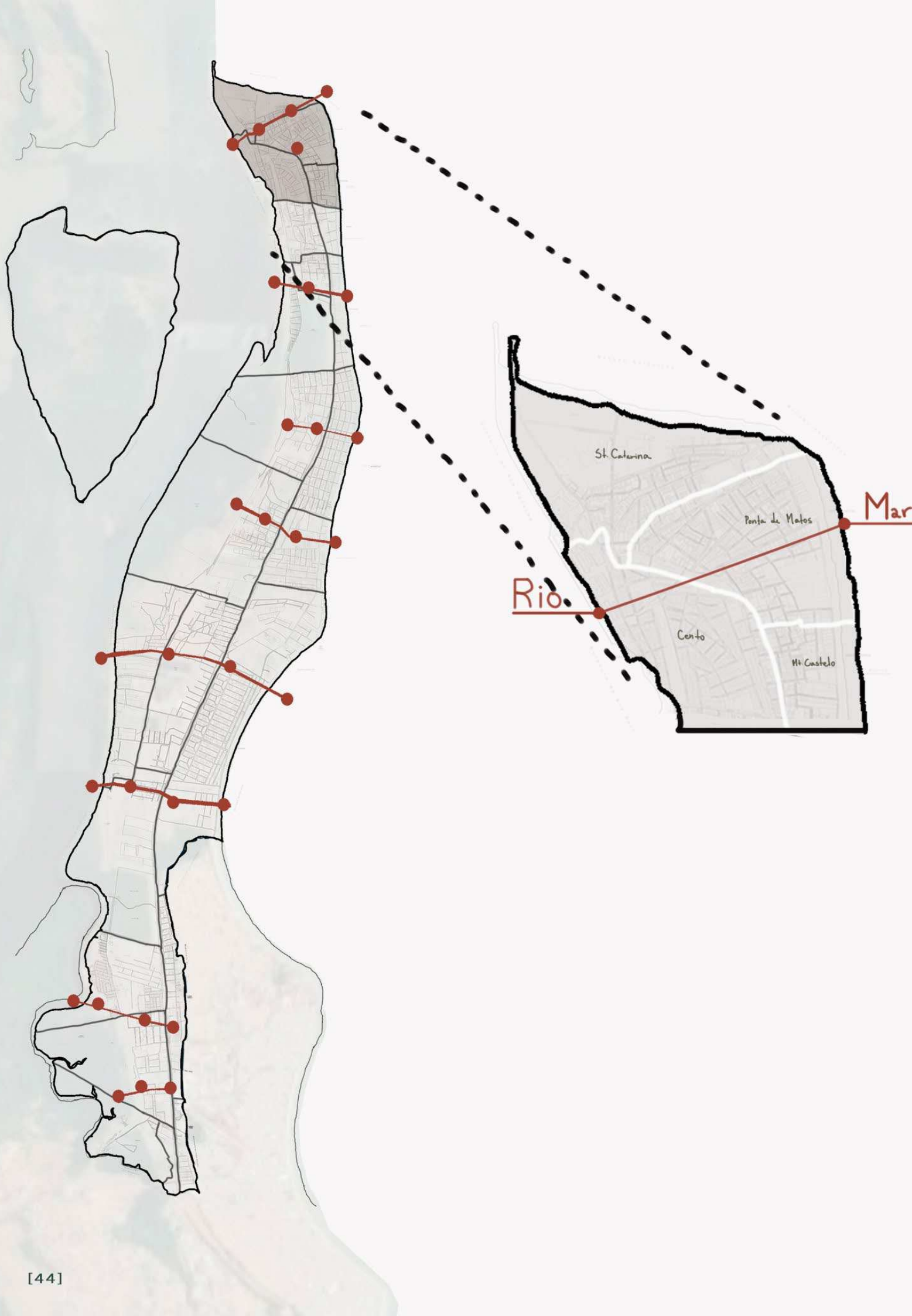
A escolha de local de projeto se mostrou como consequência da sobreposição das camadas da cidade de Cabedelo que articula as memórias dos indivíduos entrevistados com a história da cidade, casado justamente a o norte da península.

Ainda considerando a leitura urbana de um espaço frangmentado associados as margens, marítima ou fluvial, a diretriz da integração do território de maneira transversal se traduz como intervenção possível. Essa intervenção de costura urbana para o norte da península significa relacionar as camadas da memória e do tempo a partir dos elementos da paisagem urbana.

Articulando tal diretriz as percepções na paisagem, as leituras aprofundadas do recorte, foi possível indicar uma associação de lugares capazes de articular várias camadas da cidade.

Um sistema de lugares e intervenções do Rio ao Mar dialoga com as memórias das pessoas no local, procurando não apenas pensar nas águas como espaços da extração, mas como lugares que declaram relações na paisagem acerca do local, sua articulação com o mundo e suas tradições regionais.

O mar é visto como lugar de lendas, histórias que influenciam os costumes dos povos. Assim como o rio, dá origem ao contextos das danças folclóricas Nau Catarineta e a Barca, ao teatro popular de mamulengos, teatro de fantoches, dança de côco, o pastoril, a lapinha, quadrilhas e cirandas.





◀ CHEIOS E VAZIOS



LUGARES DE MEMÓRIA ▶

■ Lugares recorrentes
; Trajetos registrados
pelas entrevistas



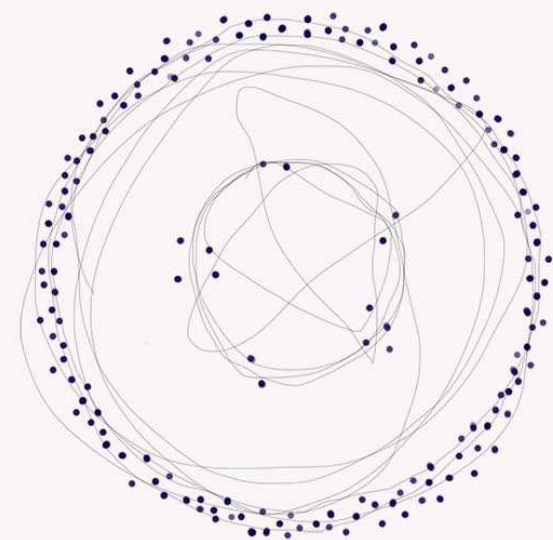
◀ EQUIPAMENTOS PÚBLICO-
SE ÁREAS LIVRES

- Equipamentos esportivos
- Equipamentos de Saúde
- Equipamentos culturais
- Creche
- Faculdade
- Escolas
- Áreas livres
- Praças

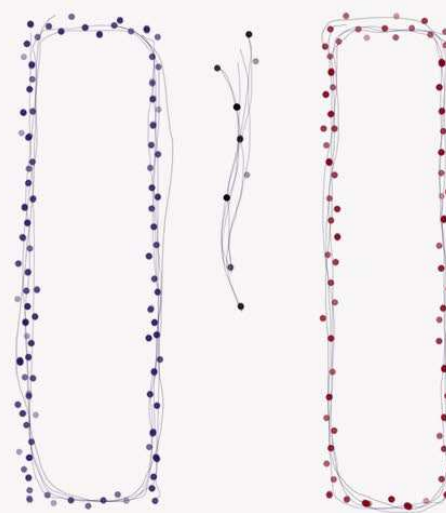


BARREIRAS E LIMITES

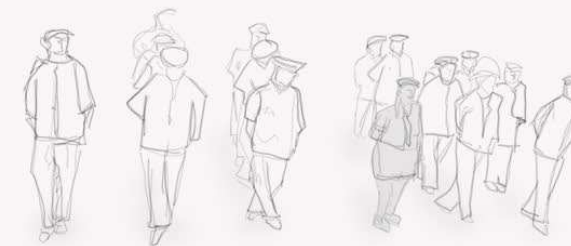
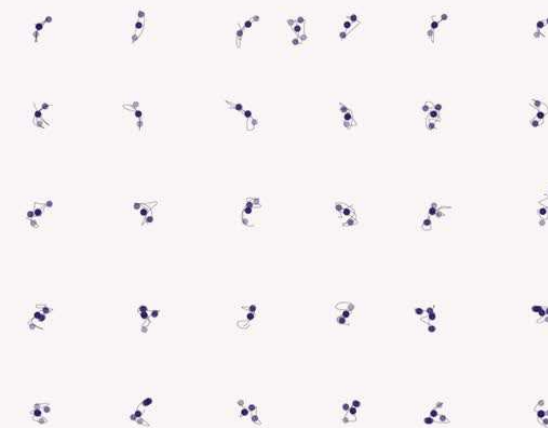
- BR 230 (Transamazônica)
- Ferrovia e Porto
- Casas de Veraneio



▲ Côco de roda do Mestre Benedito



▲ Lapinha



▲ Nau Catarineta

PARTIDO PROJETUAL

FOLCLORE COMO CAMADA

Dentre as manifestações culturais que se destacam na história de Cabedelo, existe a dança e o teatro experimental da cidade, chamado o grupo TECA. O teatro experimental foi liderado pelo escritor Altimar Pimentel, um dos principais responsáveis pelo registro dessas atividades em fontes documentadas. Tanto a dança quanto o teatro dialogam diretamente com as camadas de tempo presentes na cidade de Cabedelo, mas também são formas de ocupar o espaço, contar histórias e usar do corpo e da voz como maneiras espontâneas de existir no espaço. Essas manifestações dialogam com aquilo que Lina Bo Bardi denomina de “alma popular da cidade”.

“A integração do antigo na vida de hoje e a valorização cuidadosa das correntes autenticamente populares, separadas do folclore barato, são problemas fundamentais do homem moderno.”
(BARDI, 1958)

As danças típicas de Cabedelo são consideradas o Côco de Roda, a Lapinha e o Nau Catarineta, o último nomeado como patrimônio imaterial da cidade. As danças mostram uma camada da história de Cabedelo não aparente de forma física, mas como manifestação espontânea e efêmera. As danças contam histórias e incluem brincadeiras, passadas a frente não apenas de forma oral mas de forma corporal. O Côco de roda do mestre Benedito é apenas um dos cocos de roda da região. Esse em específico nasce a partir de um pescador da praia de Ponta de Matos. A dança foi ensinada de forma geracional como maneira de manter a prática.

Assim como o côco de roda, a lapinha possui várias variações em Cabedelo, de acordo com o bairro, porém poucas versões continuam sendo praticadas. Já o Nau Catarineta possuiu desacordos quanto a sua origem, se veio de Portugal ou foi criada por um estivador no porto de Cabedelo.

Nas cartografias de memória oral, a presença da dança e do teatro foram abordadas de maneira saudosa e melancólica pelo temor das práticas desaparecerem.

Considerando a dança e o teatro de Cabedelo como práticas importantes não apenas na cultura da cidade, mas principalmente como forma de utilizar o espaço público de maneira inusitada, coloca-se como a camada invisível a ser projetada sobre a paisagem, como participante do partido de projeto.

As narrativas das danças e do teatro são capazes de demonstrar acontecimentos, origens, lendas, mitos e paisagens ao mesmo tempo, enquanto faz conexões com aquilo que se quer marcas nos palpites urbanos. O folclore local em forma de dança e teatro se coloca como partido de projeto, como necessidade de incorporar ao projeto urbano a herança imaterial.

ESCOLHAS PROJETUAIS
UMA CONSTELAÇÃO DE
LUGARES

O projeto da arquitetura da paisagem para articular as camadas escolhidas da cidade se mostra pela eleição de sítios com um teor significativo pela memória ou pela paisagem. Os espaços demarcados constituem um sistema de integração entre as duas extremidades da cidade, com a intenção de construir ,entre si e os elementos em seu entorno, uma narrativa.

 fluxos

 fixos

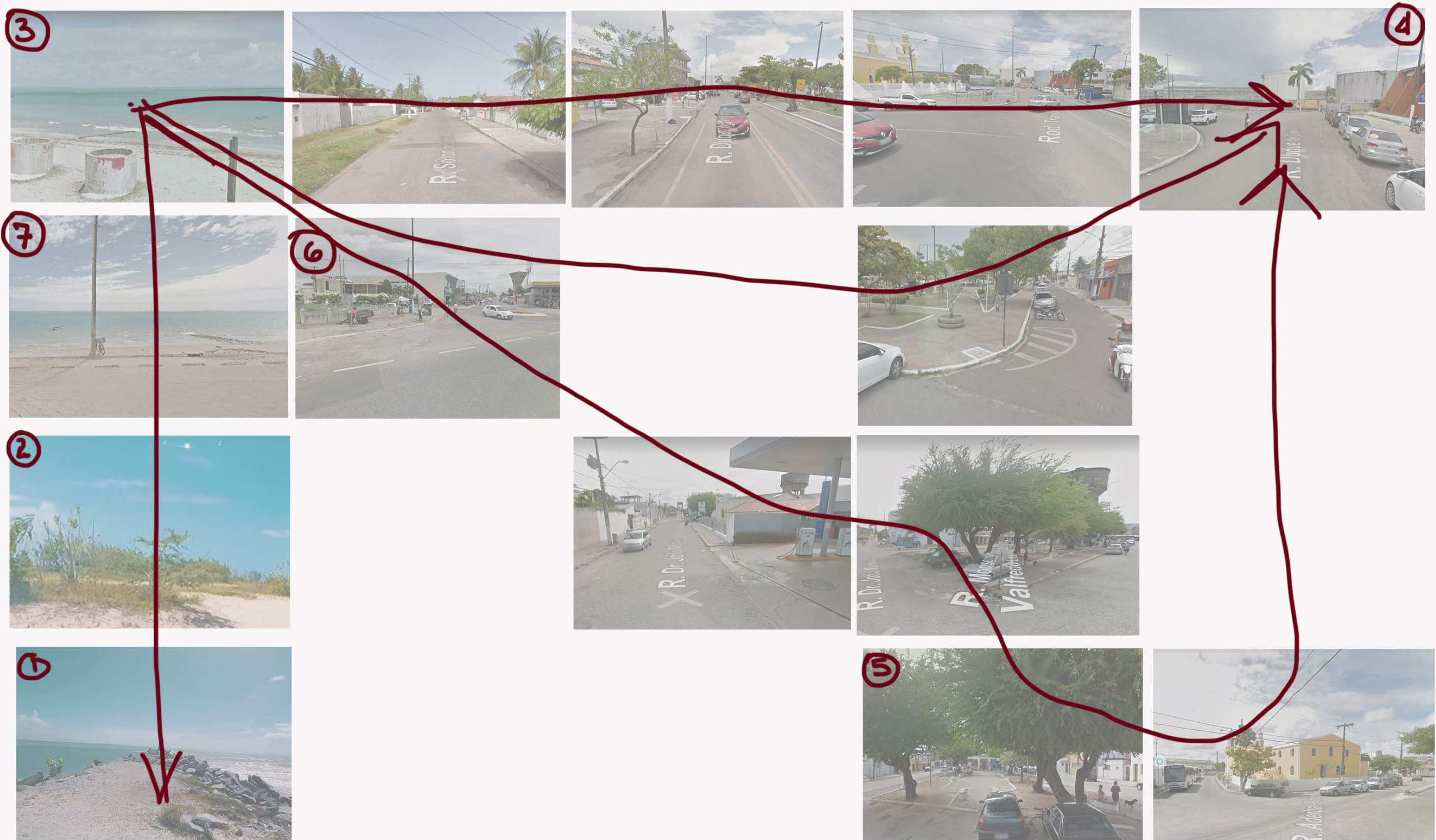


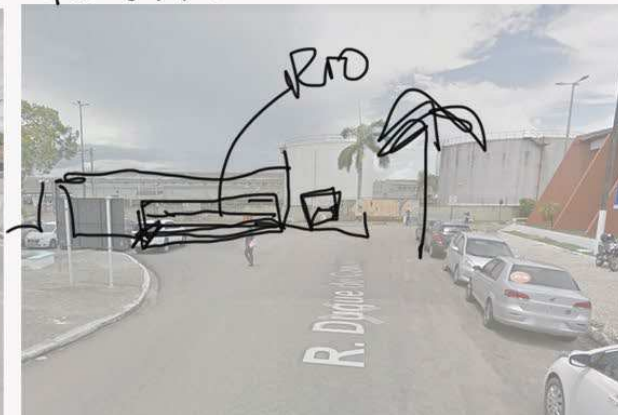
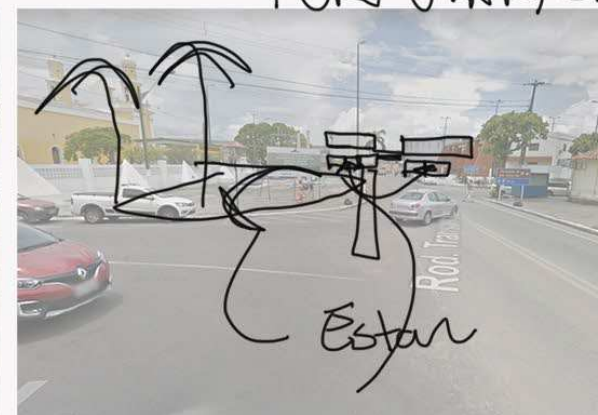
Cidade como Palimpsesto e costura entre partes ►

- lugares da memória
- intenvenções projetuais

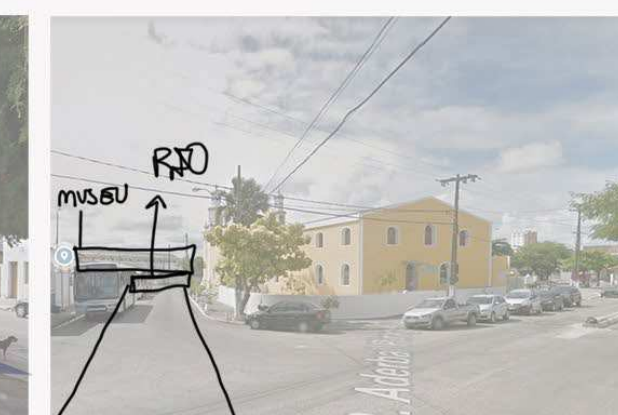
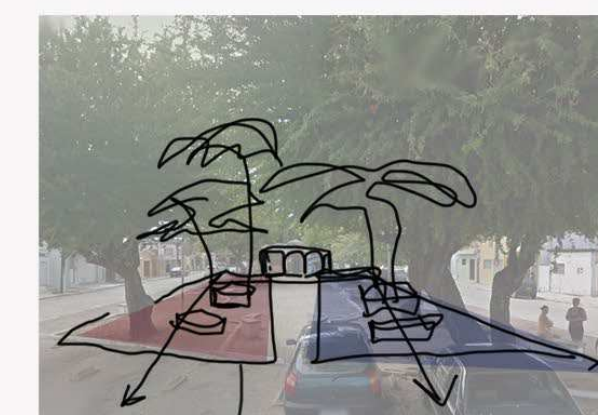
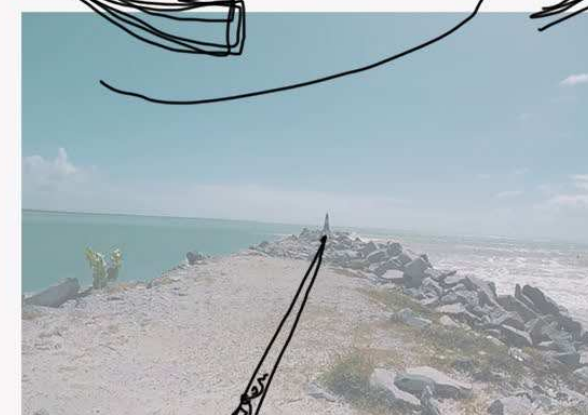
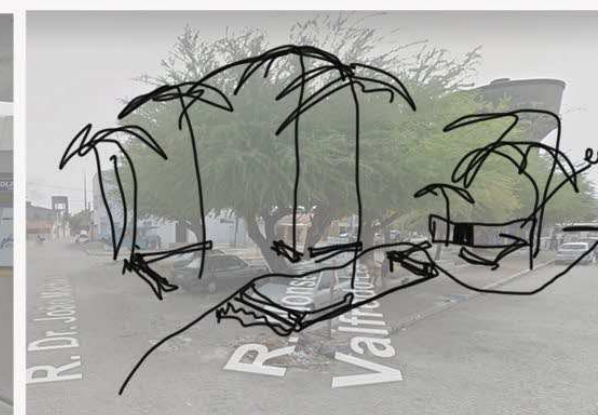
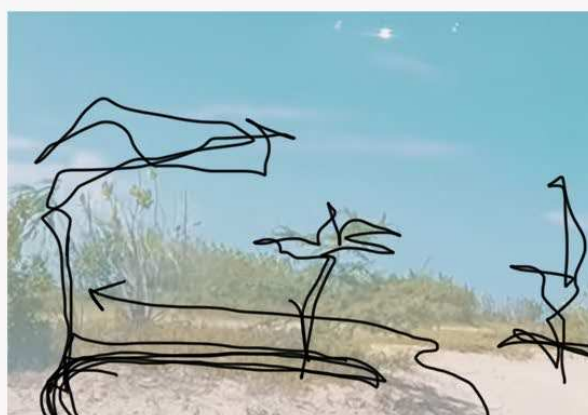
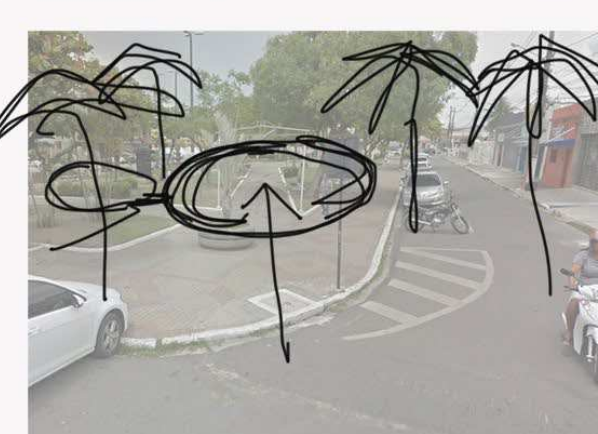








PERFURAR, ENQUADRAR



PERCURSO

equipamento

areia

lappinha

PROJETO DE GEOPOÉTICAS

CABEDELLO COMO EXPERIÊNCIA CULTURAL, GEOPOLÍTICA E GEOGRÁFICA

A partir da diretriz do projeto, especulações e croquis acerca da conexão entre a camada de memória material, imaterial e a intervenção, foi possível adentrar em camadas também significativas acerca da paisagem do local. A noção de tempo também marcado no território de forma geomórfica passou a interagir com as memórias que lá habitam, como registrado pelas cartografias orais.

É possível revelar na cidade de Cabedelo uma relação inseparável a sua localização geográfica, que molda a sua história, suas culturas, suas práticas, seu território e sua paisagem. A península, um cabo de areia moldado pelo fluxo fluvial e oceânico, carrega um caleidoscópio de significados e importâncias historicamente geopolíticas, marcada atualmente com sua presença portuária, o porto brasileiro mais próximo a África e Europa, que indicou uma entrada do Atlântico nas terras brasileiras. A relação histórica de Cabedelo como um local que foi um dia descoberto e traduzido por cartografias, revelam também uma existência de mapas diversos, que descrevem o território.

A geopoética para a cidade de Cabedelo parece intrínseca à sua existência, e se forma portanto não apenas como uma estratégia de projeto mas uma colocação das partes abstratas da cidade que ainda reverberam nas pessoas de maneira altamente concreta. Dessa forma, estar em Cabedelo remete aquilo que Kenneth White escreve para o conjunto dos “Cadernos de Geopoética”, uma experiência que conta não ape-

nas com o homem mas com o conjunto geográfico da existência do lugar.

“A ambição dos Cadernos de Geopoética é desenhar, de um ponto de vista que não seja apenas o do Homem, um magna mundi carta : um grande mapa, uma grande constituição do mundo.”

(WHITE, Kenneth)

O poema de Manuel Bandeira “Cabedelo” também reflete sobre a cidade e seu conteúdo imenso dentro de uma casquinha de noz. O autor possuiu como referência a noção do autor James Joyce, ao exprimir nos atos singelos e sintéticos uma proporção universalmente profunda e imensa.

O mapa geopolítico e geopolítico busca revelar graficamente as camadas da cidade de Cabedelo que tem conexões infinitas e pontuais. As primeiras contam com as massas de ar e água que moldam seu lugar e seu clima. Também contam com os trajetos marítimos, novos e antigos que expõem a relação extra-territorial da cidade, como uma camada que é inclusive histórica, marcando elementos monumentais na paisagem da cidade como faróis e navios. A camada da transamazônica possui um papel no mapa análogo a das navegações, como uma navegação terrestre para o interior do país: enquanto por um lado a cidade de Cabedelo se expande para o além, também se projeta para o interior do país. O mapa consta a camada da memória extraída pelas cartografias orais e estudo das danças, e em seguida a implantação revela as intervenções pontuais/alastrantes.

**VIAGEM. RODA DO MUNDO
NUMA CASQUINHA DE NOZ**

34°



Dique de Cabedelo

Rota Maritima

Praia Miramar

Ponta de Matos
jangadas e pesca

Corrente Sul Equatorial

Vila dos pescadores

rota para
antigo porto

fortaleza
St. Catarina

Linha Rio - Mar

Monumento

Corrente do Brasil

transamazônica

Universidade

Teatro
Escola

Pç. Venancio Neiva

Catedral

Pç. Getúlio Vargas

Porto de Cabedelo

100 metros 300 metros 600 metros 900 metros



7°

1. sintetizar

O significado da palavra Cabedelo é “cabo de areia entre o rio e o mar”. Esse local seral uma interpretação metafórica da cidade por meio de um lugar específico, que imita sua condição geográfica, separando o mar e rio.

2. conectar

caminho mostrado ou escondido com o movimento da areia, sugerindo a ligação com locais importantes, bem como evidenciando mudanças com o tempo e os ciclos naturais na área da praia

3. descobrir

perceber e visualizar o bioma restinga na cidade, como forma de preservação, educação e memória.

4. mirar

ver no horizonte um dos faróis de cabedelo dos anos 1800, um elemento escondido na memória da cidade que pode ser descoberto por uma indicação de perspectiva que flutua na água como um barco durante a maré alta.

5. afundar e emergir

Na “praia ponta de matos”, o antigo porto da cidade, local que liga a chegada e saída de navios à paisagem de cabedelo, historicamente manifestada, a intervenção aparece e esconde-se de acordo com as marés do oceano.

6. cirandar

O movimento circular do côco de roda, a vivência da vertigem e os elementos têxteis como parte de um barco de pescador, o criador da dança, pensado de geração em geração.

7. deixar um rastro

marca das trilhas humanas na terra, também referente a marcas deixadas pela dança lapinha, que se movem em direção à capela.

8. costurar

ver a zona portuária e a fortaleza como parte das origens dos moradores na história de cabedelo, e costurar ambas em um caminho., amarrando-as apesar de sua existência conflitante.

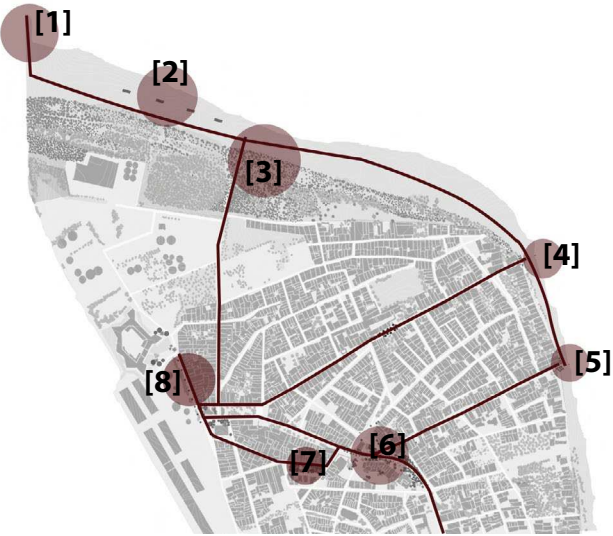


VIAGEM. RODA DO MUNDO
NUMA CASQUINHA DE NOZ:
ESTIVE EM CABEDELÔ
O MACACO ME OFERECEU CÔCOS
Ô MANINHA, Ô MANINHA
TU NÃO ETAVAS COMIGO!...
ESTAVAS?

Manuel Bandeira, 1928

Assim, estar em Cabedelo, uma verdadeira “casquinha de noz” por suas dimensões e singeleza de formação territorial também pode indicar uma “roda ao mundo” nas suas relações com os fenômenos geomórficos e geopolíticos globais, que dentro da cidade inspiram a uma cultura única. Dessa forma, as intervenções que compõem a constelação de lugares deste trabalho se dão em forma de *Land Art* buscando pousar pontos pela área de projeto que refletem as relações da área central de Cabedelo com suas geopoéticas.

A lista de verbos para a cidade de Cabedelo dialoga com a lista de verbos do arquiteto paisagista e escultor de land art Richard Serra. Para Serra, o conjunto de verbos dispostos em sua lista revelam a escultura como uma ação ou instigadora de uma ação. Para Cabedelo, a cada verbo descreve a ação da intervenção no território, mostrando o fenômeno que ela comporta pela proposição verbal, intimando relações intrinsecamente relacionadas a sua localização e posição na cidade.



[1] sintetizar



[2] conectar



[4] mirar



[5] afundar e emerigr



[3] descobrir



[8] costurar

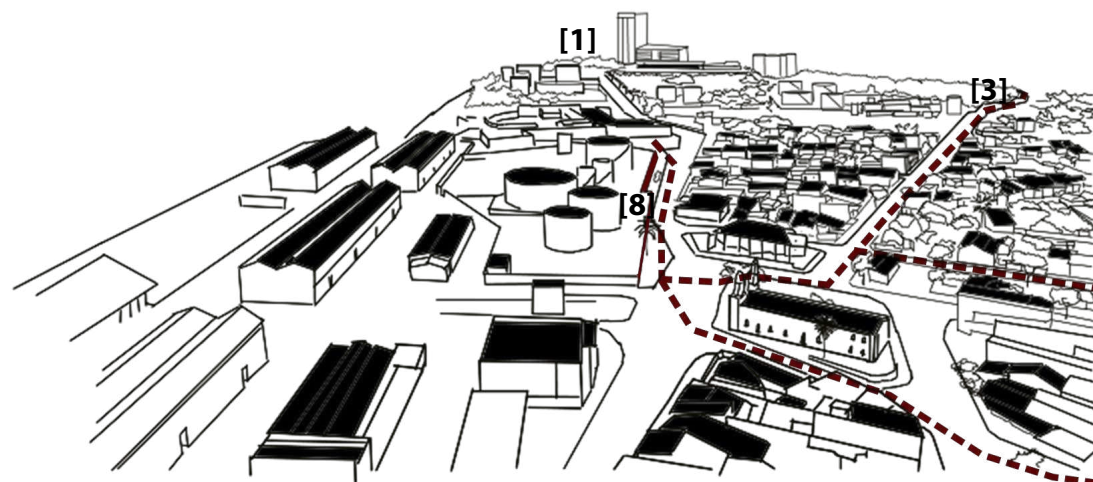


[7] deixar um rastro

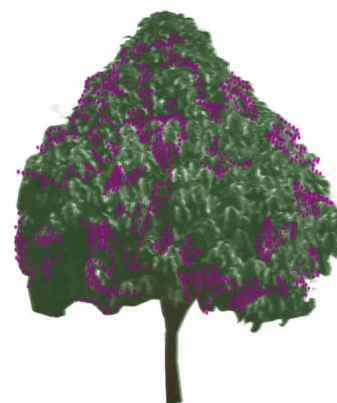
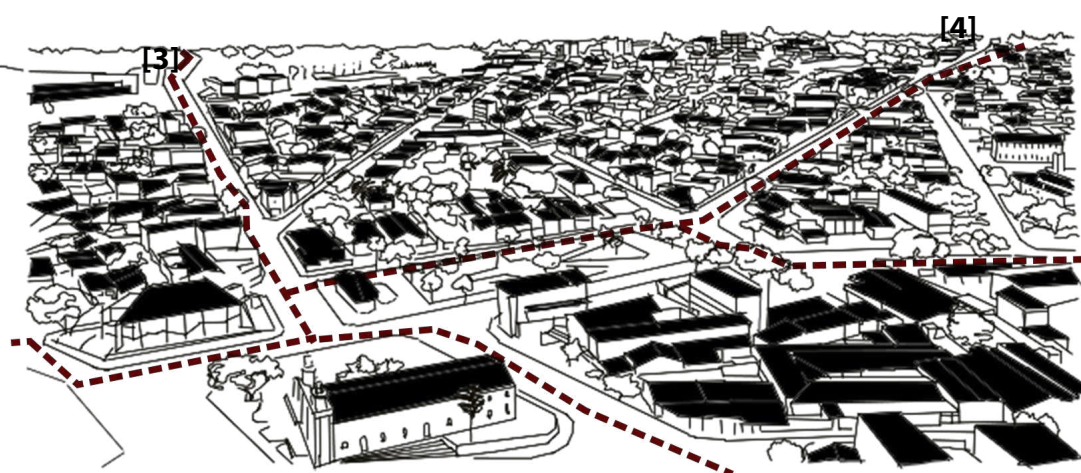


[6] cirandar

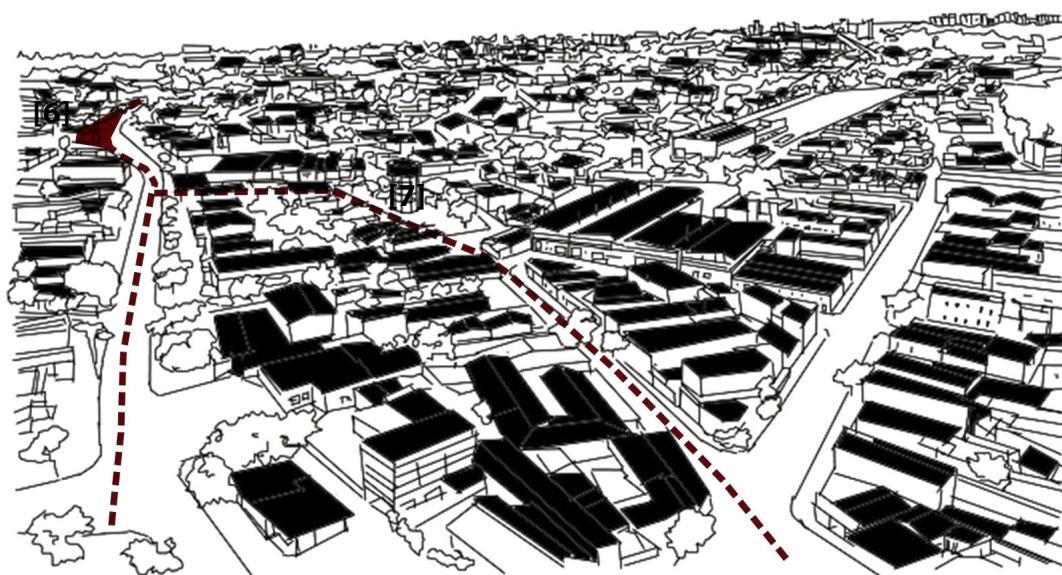
andanças



cajueiro



pé de jambo



coqueiro



Para as andanças entre os pontos de intervenção, foi pensado indicações acerca de um trajeto que conecta todos os pontos. Para estas passagens, uma arborização urbana específica foi pensada, cada árvore remetendo a uma camada de história ou memória da cidade.

O cajueiro e o jambo do norte possuem a camada nostálgica da infância, relatado nas cartografias orais como frutíferas que abrigavam uma descoberta na infância de subir em árvores ou comer seus frutos. O cajueiro, além da camada nostálgica, é uma espécie da mata de restinga de cabedelo, capaz de se configurar como um marco pelos seus frutos alaranjados e seu tronco tortuoso.

A mata de cocais de Cabedelo também é um elemento importante na paisagem da cidade, povoando a imagética daqueles que pensam em cabedelo e veem uma densidade de uma mata de cocais, que foi altamente removida com a urbanização da cidade. A espécie do coqueiro participa também do diálogo de Cabedelo com o mar e a navegação, já que a mata de cocais não é endêmica e sim uma espécie que se transportou para a península com a navegação e as correntes marítimas.

O conjunto dessas espécies situadas entre os dispositivos e intervenções começam, continuam e aprofundam as relações entre lugar, memória e cidade, discutidos de forma pontual em cada intervenção construída.

1. sintetizar

Sintetizar, conectar e descobrir formam na porção norte da cidade de Cabedelo três intervenções que estão atreladas entre si, bordadas como uma colcha de retalhos. O primeiro, o dique de Cabedelo tem um caráter de arrebatamento pelo encontro das águas fluviais com as oceânicas: do Rio Paraíba com o Oceano Atlântico.



2. conectar



Adentrando o território, a sequência de trapiches no chão marca as linhas da margem entre terra e água, expondo tanto a movimentação da areia quanto a das marés. Esta intervenção conecta a um momento de adentrar na mata da restinga, na qual se insere dispositivos visuais. Estes dialogam com a mata na paisagem urbana, enquadrando espécies referentes à memória da cidade.

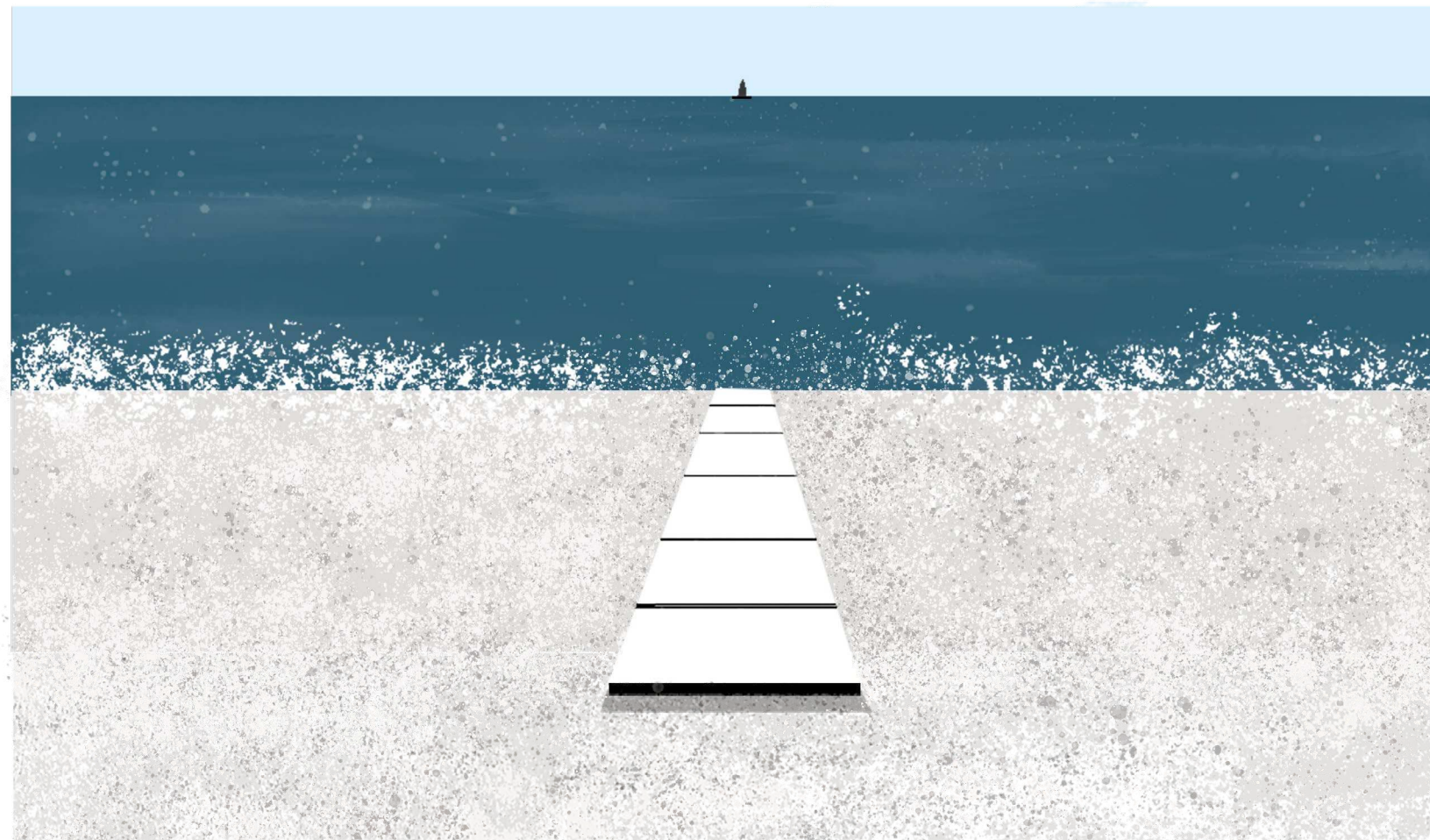
3. descobrir

A cidade de Cabedelo possui como mata nativa uma mata de restinga que tem sido devastada pela ocupação. A mata de restinga existe também em contrapartida a mata de cocais que se constituiu com o avanço da colonização e a conexão naval, e pelos fluxos marítimos vindos da África. Ambas as matas são expressivas na formação da cidade e na memória dos habitantes entrevistados nas cartografias orais, assim como participando ativamente da paisagem natural da cidade que mudou ao longo do tempo. Dentre as espécies da mata da restinga, o cajueiro reverbera coletivamente numa relação nostálgica à infância.

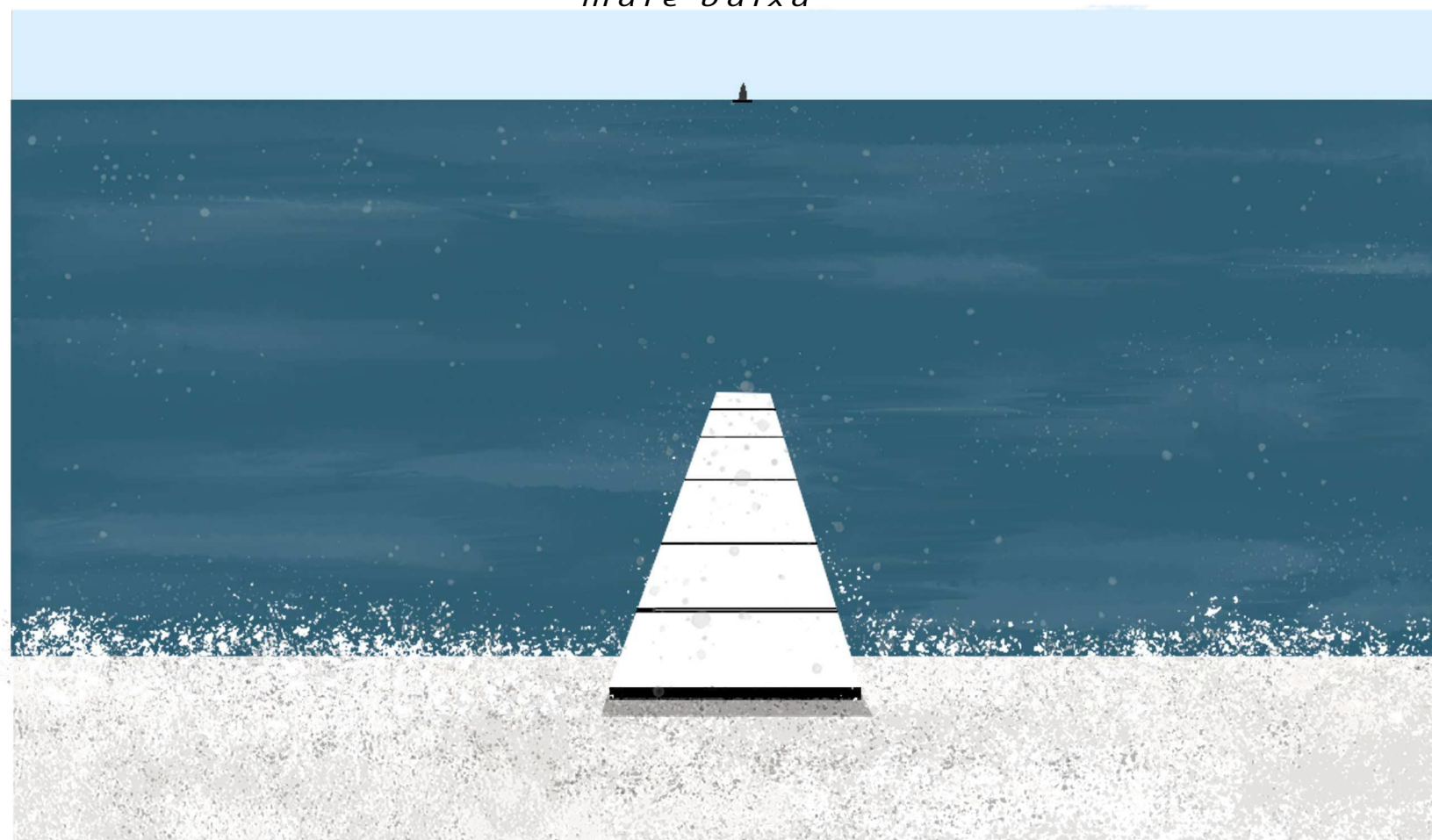
As intervenções na mata da restinga que margeiam a Praia de Miramar, para serem significativas em sua singeleza necessitam de uma integridade expressiva dessa mata, que deve ser protegida também por motivos ecológicos e de biodiversidade. Na intervenção “descobrir” é proposto uma recuperação da mata de restinga, expressa na implantação na cor verde escuro. Dentro da mata, volumes que dialogam com a escala humana propõe olhares para a mata que os engloba, enquadrando elementos ou vistas importantes (como um cajueiro) ou elevando o indivíduo para perceber a extensão labiríntica da mata de restinga.



4. mirar

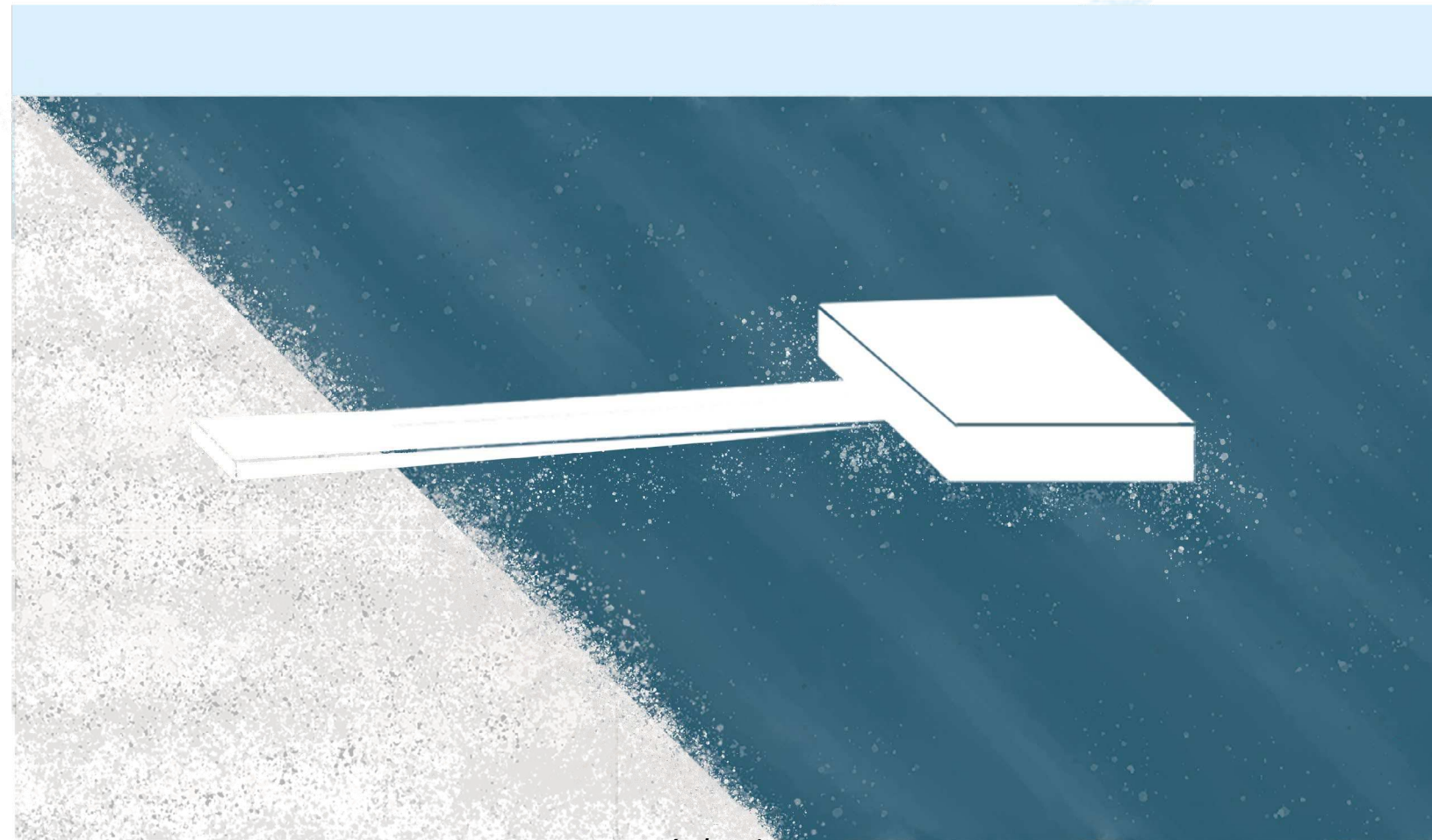


maré baixa

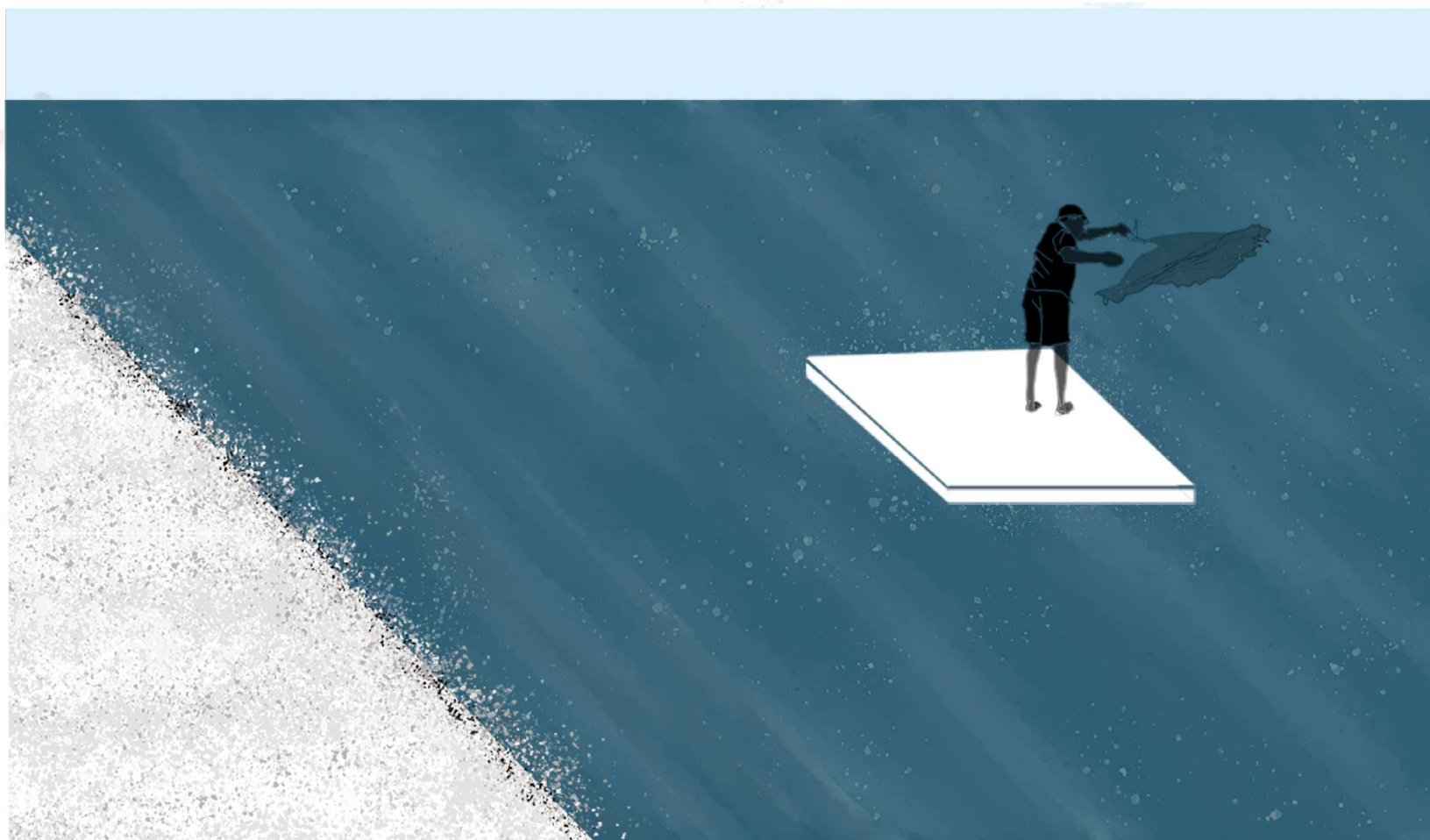


maré alta

5. afundar e emergir



maré baixa



maré alta

As intervenções de mirar e afundar e emergir possuem relação com as correntes marítimas que interferem na formação da cidade assim como pela paisagem do mar atlântico, que se mostra como marco efêmero de idas e vindas. O mar atlântico está atrelado à pesca da região, assim como aos navios que antes atracavam na praia da Ponta de Matos. A intervenção mirar, aponta para o Farol da Pedra Seca, erguido em 1869, que marca uma formação de corais que barravam a entrada dos navios.

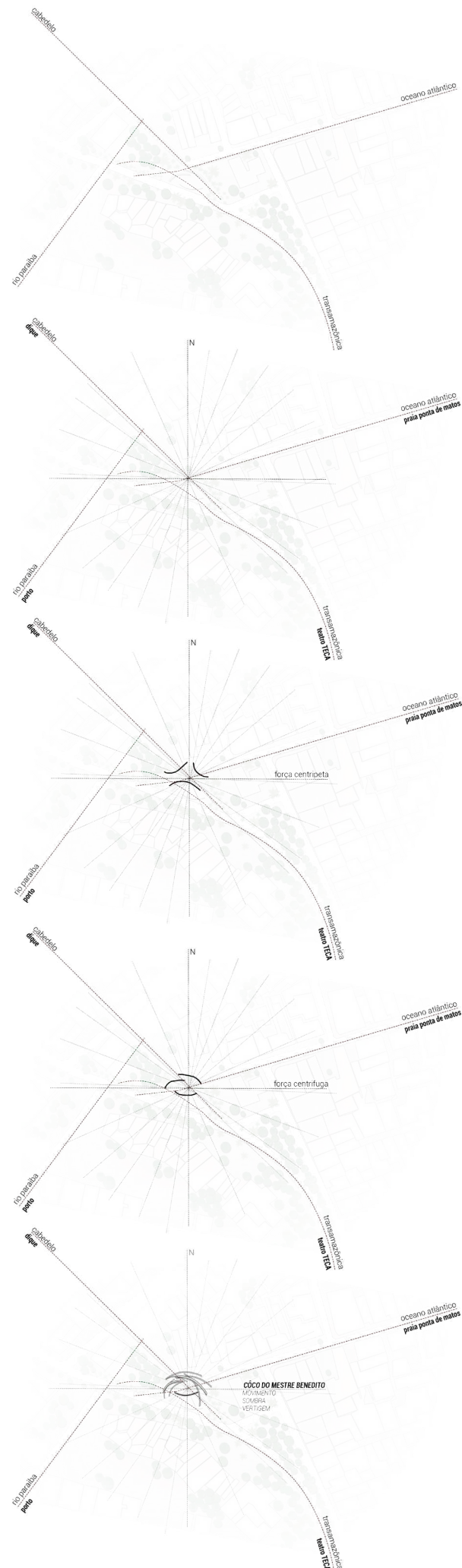
Afundar e emergir se mostra e se esconde de acordo com a maré do mar, que ao se elevar lentamente oculta o elemento na paisagem. A intervenção dialoga com o regime oceanico ao mesmo tempo em que é análogo a uma paisagem efêmera em constante ativação pela camada de tempo que a remonta constantemente, marcando aos poucos as transformações da cidade.



6. *cirandar*

A vida vem do mar e a cultura se faz na terra”

A intervenção “cirandar” constitui uma reação centrífuga a partir de determinações de linhas que passam pelo centro da cidade. Essas linhas são constituídas por cartes de eixos históricos assim como cartográficos e geomórficos, que acumulados em um ponto, liberam curvas que são reflexos desses mesmos impulsos. “Cirandar” ao mesmo tempo em que faz referências às condições que criam a Cabedelo de hoje, refletem as danças circulares da cidade.

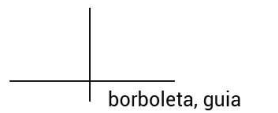
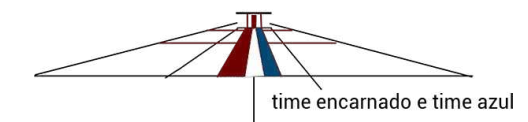
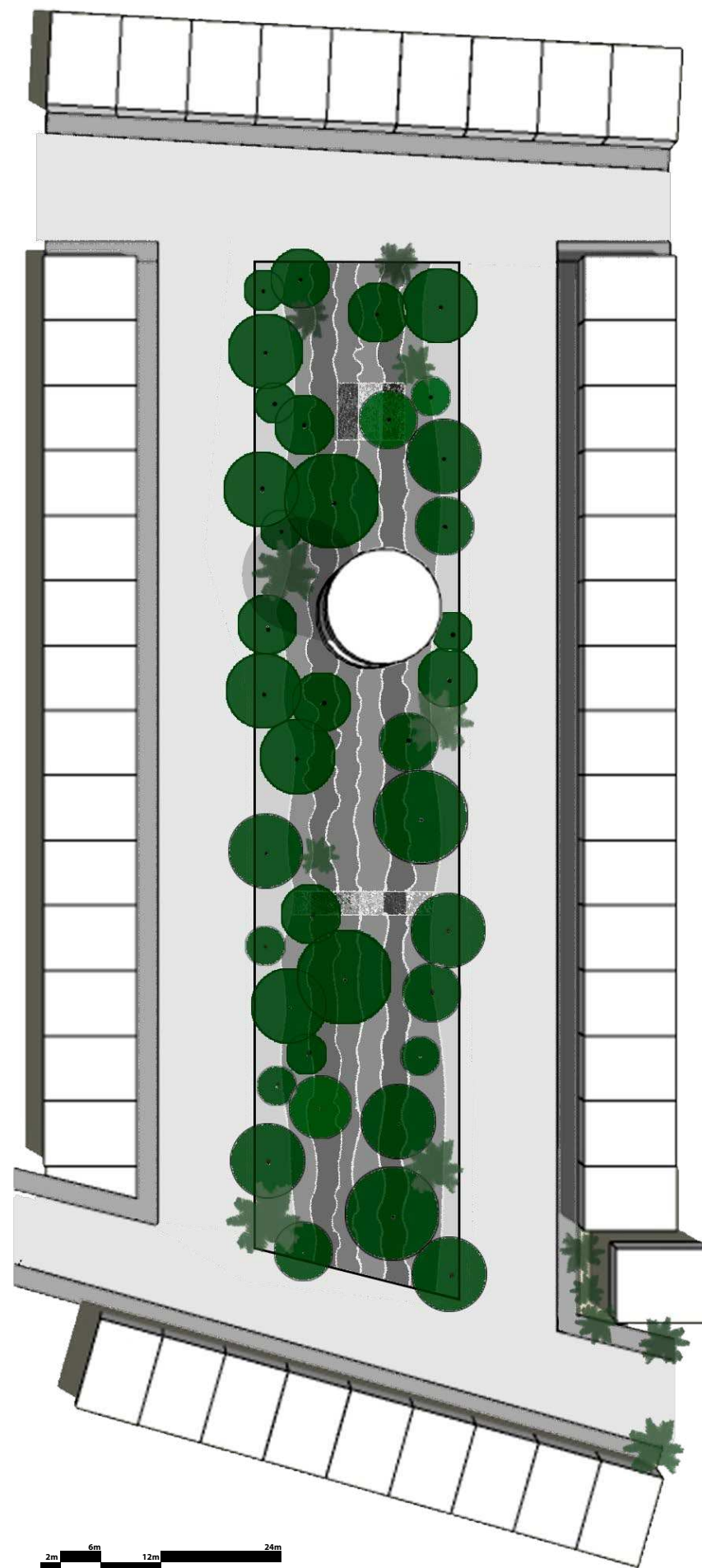


6. *cirandar*

Em específico o Coco de Roda do Mestre Benedito, é traduzido pelo movimento circular assim como uma dinamicidade de sua apresentação, cuja centralidade é constantemente mudado por pessoas que entram e saem da roda, simulado na intervenção pela ação do sol, que desenha sombras no chão mudando ao longo do tempo de forma cíclica pelo horário, dia e ano. A intervenção também está atrelada ao uso do espaço público pelo teatro experimental TECA, que também utilizou o espaço público de cabedelo de forma espontânea e circular.

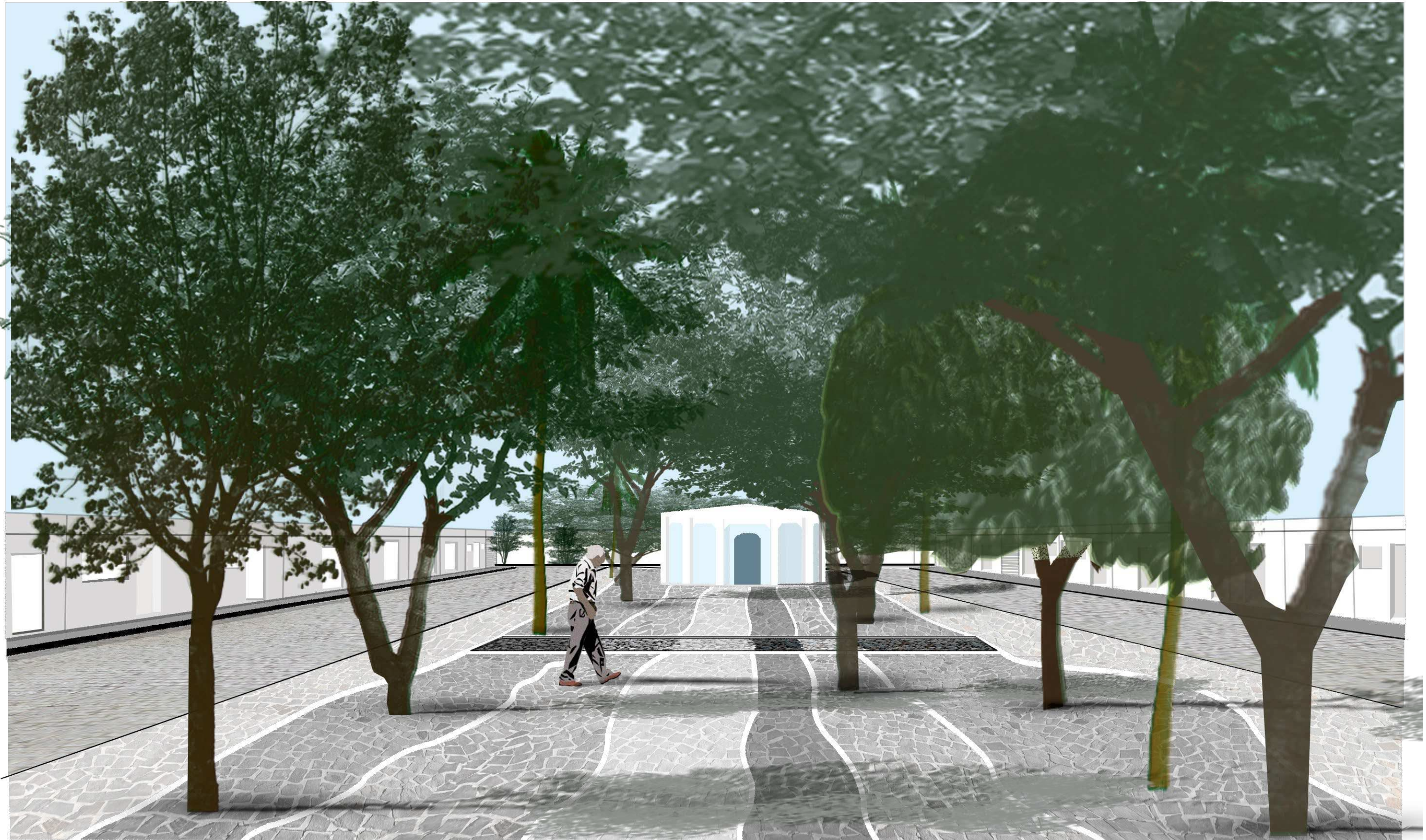


7. deixar um rastro

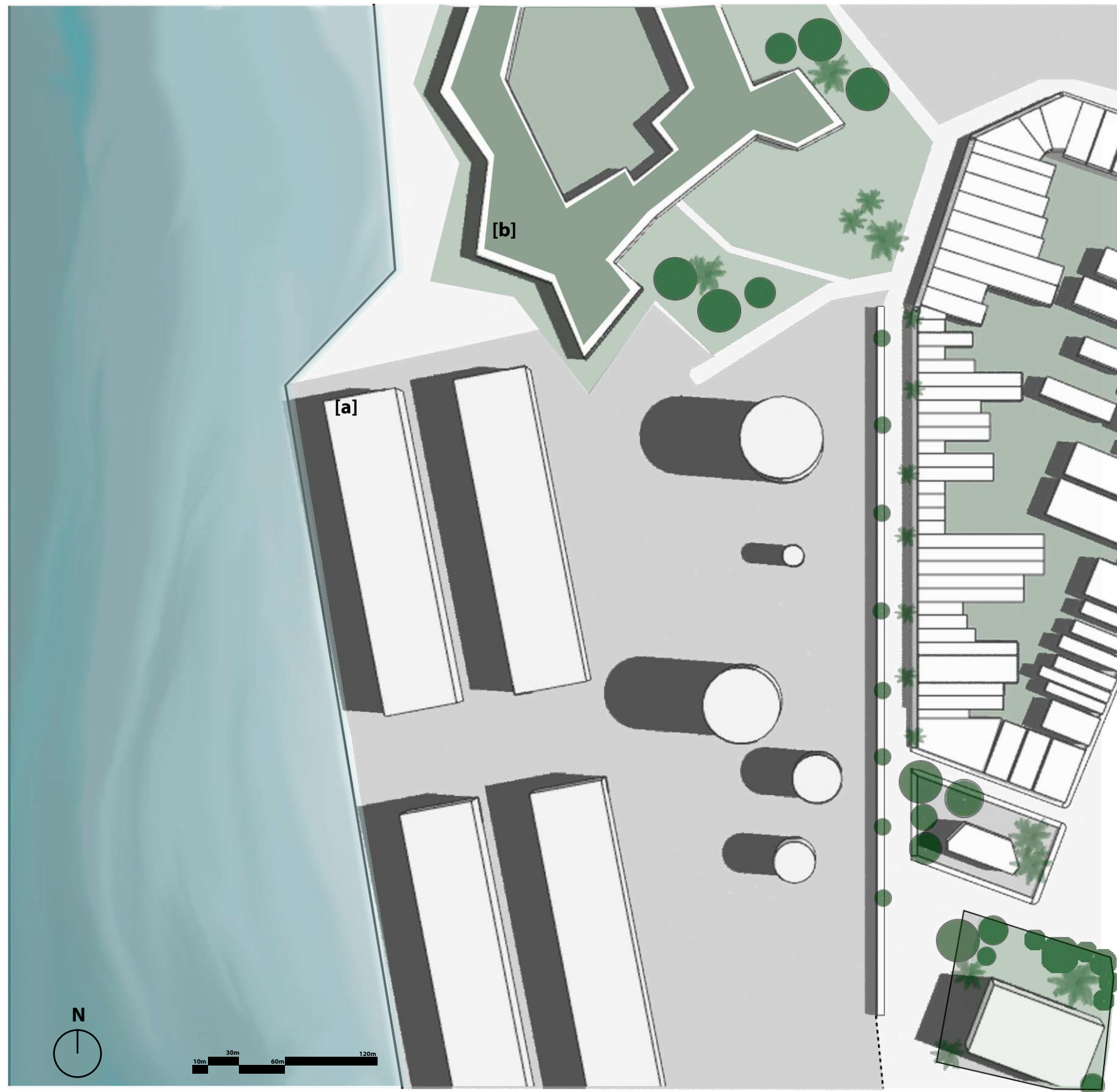


A lapinha, como dança religiosa, constrói um percurso que pode ser peregrinador em direção a Catedral de Cabedelo. A dança constrói seus movimentos numa simbologia simétrica, que brinca um jogo entre dois grupos de mulheres: do time vermelho e do time azul. A intervenção “deixa um rastro” busca dialogar com a dança e sua localização usual na cidade ao mesmo tempo em que reflete uma relação de ação do tempo sobre um espaço que registra uma impressão da ação humana. Os rastros feitos no chão da intervenção são de dimensão fixa, um desenho curvo e incerto na praça, porém demarcam também uma efemeridade e instigam a participação daqueles na praça com bancos de pedras, nas quais é possível deixar um rastro recente.

7. deixar um rastro



8. costurar



[92]

O porto de Cabedelo e a fortaleza Santa Catarina existem de forma importante para o território, dialogando com as origens da cidade e sua ocupação de camadas de tempo que datam 300 anos de diferença. A intervenção no local propõe estabelecer a costura entre os dois, que existem de forma conflituosa no mesmo espaço. A intervenção pode conectá-los como a linha de tempo que enlaça os dois, uma consequência do outro é consequência da geopolítica da cidade. A geopoética da linha que conecta os dois entrelaça as condições que ambos têm em comum, assim como a importância que têm e tiveram nas mudanças da paisagem da cidade.

[a] Porto de Cabedelo



[b] Fortaleza St. Catarina



[93]

8. *costurar*

dia



8. *costurar*
noite





lista de verbos

- 1. sintetizar**
O significado da palavra Cabedelo é “cabo de areia entre o rio e o mar”. Esse local seral uma interpretação metafórica da cidade por meio de um lugar específico, que imita sua condição geográfica, separando o mar e rio.
- 2. conectar**
Caminho mostrado ou escondido com o movimento da areia, sugerindo a ligação com locais importantes, bem como evidenciando mudanças com o tempo e os ciclos naturais na área da praia
- 3. descobrir**
perceber e visualizar o bioma restinga na cidade, como forma de preservação, educação e memória.
- 4. mirar**
Ver no horizonte um dos faróis de cabedelo dos anos 1800, um elemento escondido na memória da cidade que pode ser descoberto por uma indicação de perspectiva que flutua na água como um barco durante a maré alta.
- 5. afundar e emergir**
Na “praia ponta de matos”, o antigo porto da cidade, local que liga a chegada e saída de navios à paisagem de cabedelo, historicamente manifestada, a intervenção aparece e esconde-se de acordo com as marés do oceano.
- 6. cirandar**
O movimento circular do côco de roda, a vivência da vertigem e os elementos têxteis como parte de um barco de pescador, o criador da dança, pensado de geração em geração.
- 7. deixar um rastro**
marca das trilhas humanas na terra, também referente a marcas deixadas pela dança lapinha, que se movem em direção à capela.
- 8. costurar**
ver a zona portuária e a fortaleza como parte das origens dos moradores na história de cabedelo, e costurar ambas em um caminho., amarrando-as apesar de sua existência conflitante

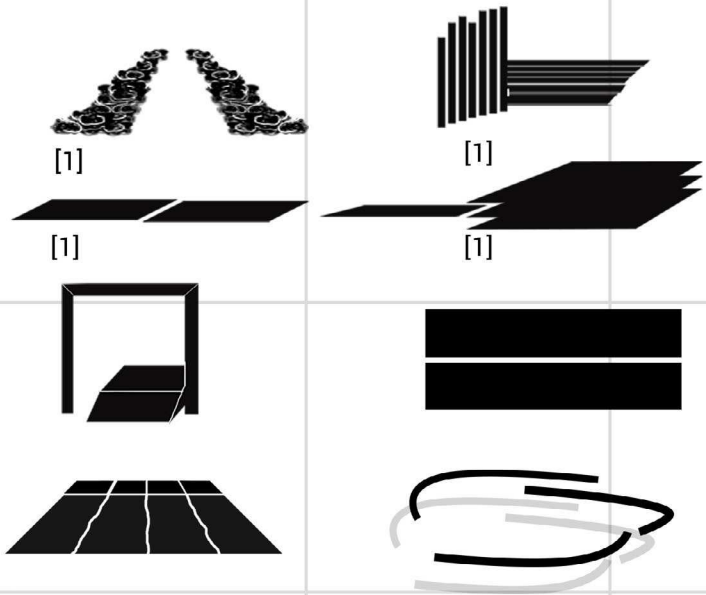
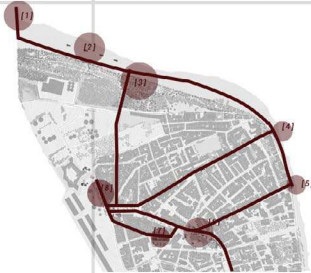
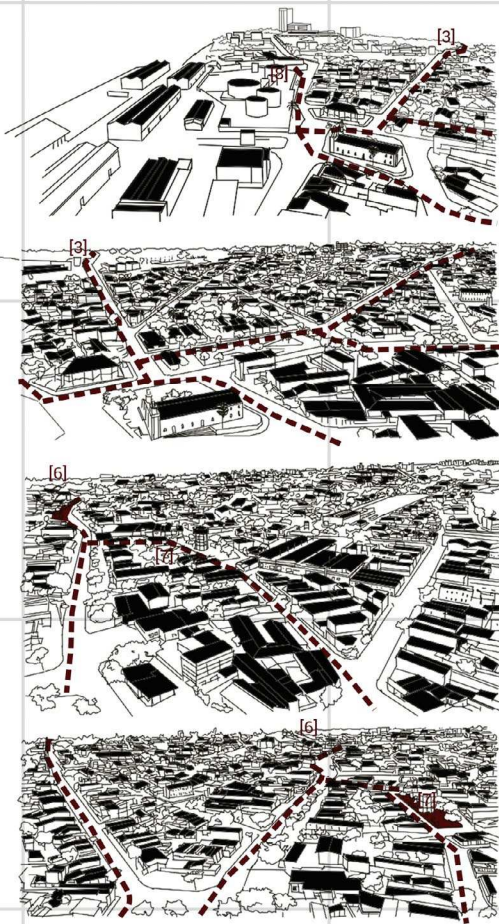
folclore como partido

A lista de verbos para a cidade de Cabedelo dialoga com a lista de verbos do arquiteto paisagista e escultor de land art Richard Serra. Cada verbo descreve a ação da intervenção no território, mostrando o fenômeno que ela comporta pela proposição verbal, intimando relações intrinsecamente relacionadas a sua localização e posição na cidade.

GEOPOÉTICAS

É possível revelar na cidade de Cabedelo uma relação inseparável a sua localização geográfica, que molda a sua história, suas culturas, suas práticas, seu território e sua paisagem. A península, um cabo de areia moldado pelo fluxo fluvial e oceânico, carrega um caleidoscópio de significados e importâncias historicamente geopolíticas, marcada atualmente com sua presença portuária, o porto brasileiro mais próximo a África e Europa, que indicou uma entrada do Atlântico nas terras brasileiras
O poema de Manuel Bandeira “Cabedelo” também reflete sobre a cidade e seu conteúdo imenso dentro de uma casquinha de noz. O autor possuiu como referência a noção do autor James Joyce, ao exprimir nos atos singelos e sintéticos uma proporção universalmente profunda e imensa.
Assim, estar em Cabedelo, uma verdadeira “casquinha de noz” por suas dimensões e singeleza de formação territorial também pode indicar uma “roda ao mundo” nas suas relações com os fenômenos geomórficos e geopolíticos globais, que dentro da cidade inspiram a uma cultura única. Dessa forma, as intervenções que compõem a constelação de lugares deste trabalho buscam refletir e inserir pontos pela área de projeto que refletem as relações da área central de Cabedelo com suas geopoéticas.

PROJETO E LISTA DE VERBOS



nau catarineta

lapinha

côco de roda





2. sintetizar

Sintetizar, conectar e descobrir formam na porção norte da cidade de Cabedelo três intervenções que estão atreladas entre si, bordadas como uma colcha de retalhos. O primeiro, o dique de Cabedelo tem um caráter de arrebatamento pelo encontro das águas fluviais com as oceânicas: do Rio Paraíba com o Oceano Atlântico.

Adentrando o território, a sequência de trapiches no chão marca as linhas da margem entre terra e água, expondo tanto a movimentação da areia quanto a das marés. Esta intervenção conecta a um momento de adentrar na mata da restinga, na qual se insere dispositivos visuais. Estes dialogam com a mata na paisagem urbana, enquadrando espécies referentes à memória da cidade.



2. conectar

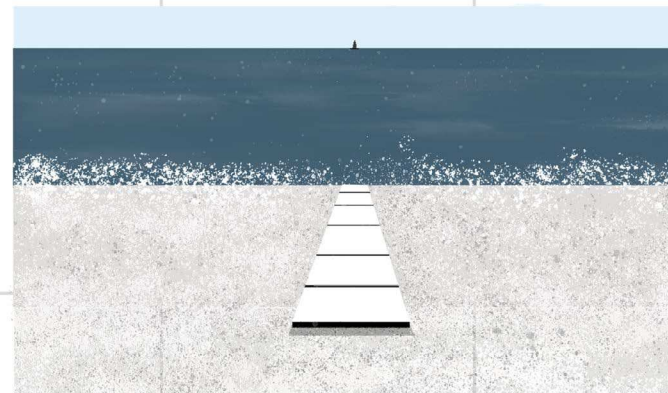


3. descobrir



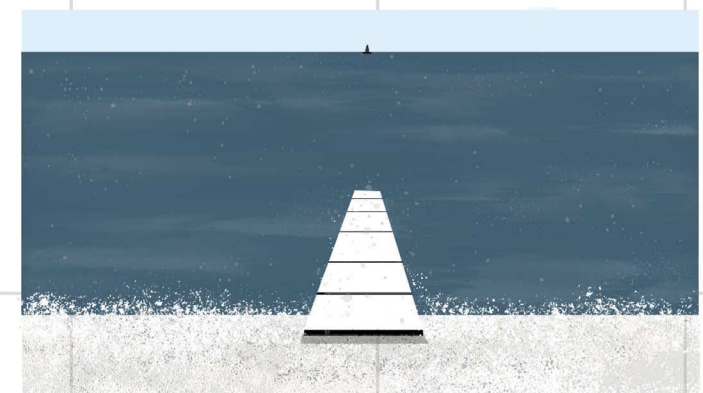
implantação: praia ponta de matos

maré baixa

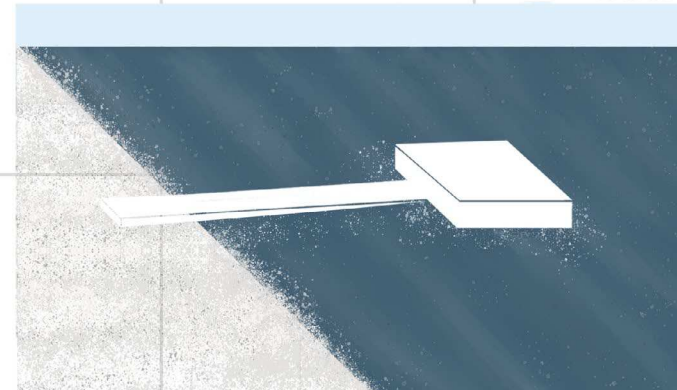


4. mirar

maré alta



5. afundar e mergir



latitude



As intervenções de mirar e afundar e emergir possuem relação com as correntes marítimas que interferem na formação da cidade assim como pela paisagem do mar atlântico, que se mostra como marco efêmero de idas e vindas. O mar atlântico está atrelado à pesca da região, assim como aos navios que antes atracavam na praia da Ponta de Matos. A intervenção mirar, aponta para o Farol da Pedra Seca, erguido em 1869, que marca uma formação de corais que barravam a entrada dos navios.

Afundar e emergir se mostra e se esconde de acordo com a maré do mar, que ao se elevar lentamente oculta o elemento na paisagem. A intervenção dialoga com o regime oceânico ao mesmo tempo em que é análogo a uma paisagem efêmera em constante ativação pela camada de tempo que a remonta constantemente, marcando aos poucos as transformações da cidade.



VIAGEM. RODA DO MUNDO, NUMA CASQUINHA DE NOZ

implantação: costurar

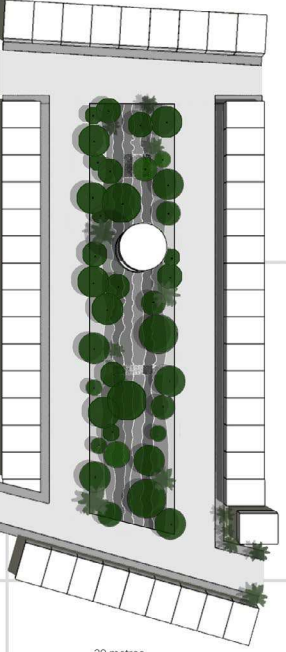
fortaleza st. catarina

porto de cabedelo

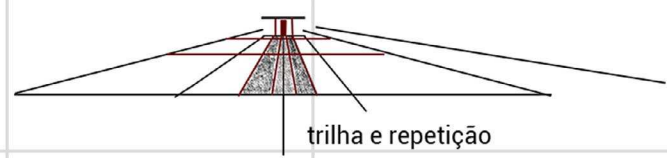


10 metros 30 metros 60 metros 90 metros

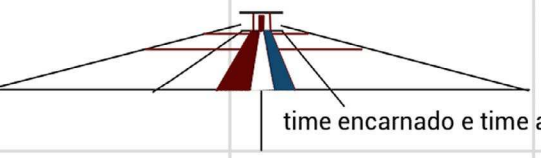
O porto de Cabedelo e a Fortaleza Santa Catarina existem de forma importante para o território, dialogando com as origens da cidade e sua ocupação de camadas de tempo que datam 300 anos de diferença. A intervenção no local propõe estabelecer a costura entre os dois, que existem de forma conflituosa no mesmo espaço. A intervenção pode conectá-los como a linha de tempo que enlaça os dois, uma consequência do outro é consequência da geopolítica da cidade. A geopoética da linha que conecta os dois entrelaça as condições que ambos têm em comum, assim como a importância que têm e tiveram nas mudanças da paisagem da cidade.



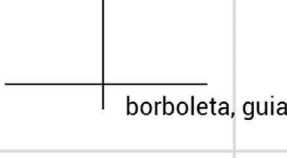
10 metros 30 metros 60 metros 90 metros



trilha e repetição



time encarnado e time azul



borboleta, guia

8. costurar



dia



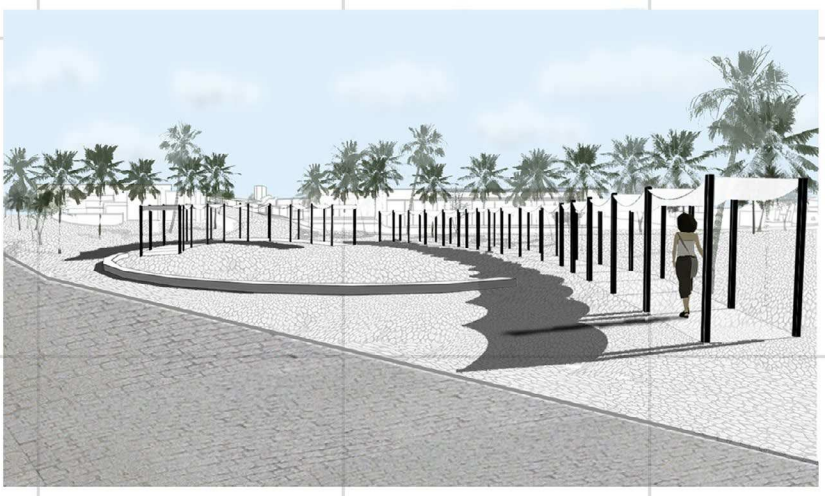
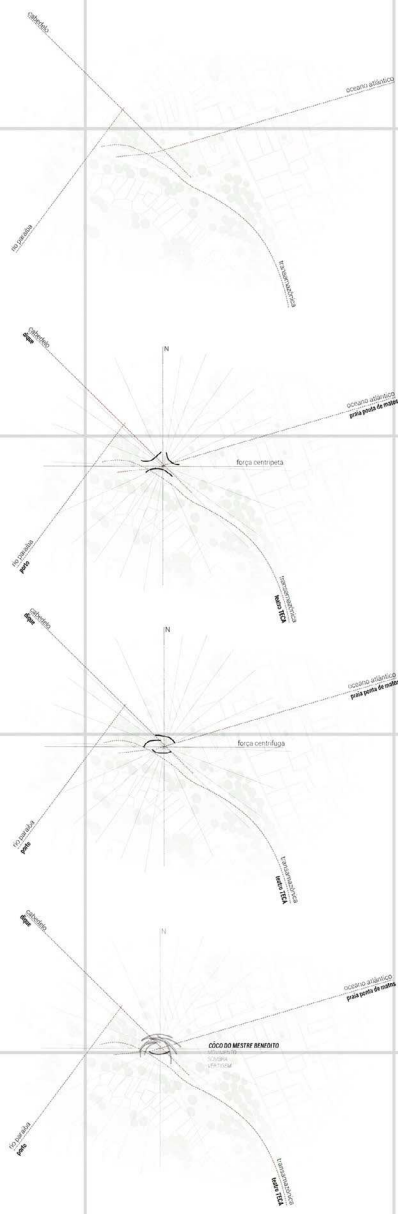
noite

implantação: "cirandar"



diagrama de concepção

A intervenção "cirandar" constitui uma reação centrífuga a partir de determinações de linhas que passam pelo centro da cidade. Essas linhas são constituídas por cartes de eixos históricos assim como cartográficos e geomórficos, que acumulados em um ponto, liberam curvas que são reflexos desses mesmos impulsos. "Cirandar" ao mesmo tempo em que faz referências às condições que criam a Cabedelo de hoje, refletem as danças circulares da cidade. Em específico o Coco de Roda do Mestre Benedito, é traduzido pelo movimento circular assim como uma dinamicidade de sua apresentação, cuja centralidade é constantemente mudado por pessoas que entram e saem da roda, simulado na intervenção pela ação do sol, que desenha sombras no chão mudando ao longo do tempo de forma cíclica pelo horário, dia e ano. A intervenção também está atrelada ao uso do espaço público pelo teatro experimental TECA, que também utilizou o espaço público de cabedelo de forma espontânea e circular.



6. cirandar

VIAGEM. RODA DO MUNDO, NUMA CASQUINHA DE NOZ

ANDRADE, Mario. **Poesias completas** “Quando eu morrer eu quero ficar”. Belo Horizonte-S. Paulo: Itatiaia/EdUSP, 1987.

ANTÔNIO, Luiz M. de Andrade. **A maquete do Solar do Unhão e a Bahia de Lina Bo Bardi**. Revista Vitruvius, São Paulo n. 066.04, 2013. Disponível em <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/13.066/4682>>, acesso em 13/03/2013.

BO BARDI, Lina, «**Crônicas de Arte, de história, de costume, de cultura da vida**», Diário de Notícias, núm. 3, Salvador, 21 de Setembro de 1958.

BENJAMIN, Walter. **Excerto, Crônica berlinense**, 1932. In: BOLLE, Willi. As siglas em cores no Trabalho das passagens, de W. Benjamin. Estudos Avançados, São Paulo, v. 10, n. 27, p. 55, maio-ago. 1996.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**, São Paulo, Companhia das Letras, 1991

CAVALCANTI, Maria Helena Pereira. **Uma história de Cabedelo**. Núcleo de documentação e informação histórica regional/NDIHR-UFPB, João Pessoa, 1996.

COSTA, OTÁVIO. **Memória e Paisagem: em busca do simbólico dos lugares**. Periódico Espaço e Cultura, UFRJ, artigo 7731. Abril 2003.

FREIRE, Cristina; FRAYZE-PEREIRA, João Augusto. **Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo - um estudo na cidade de São Paulo**. 1995.Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

Genette, Gérard. *l'alimpestes*. La littérature au second degré. Paris, Seuil, 1982, p.7..

BOIS, Yves-Alain, SEHPLEY, John. **A picturesque stroll in “Clara-clara”**. The MIT Press. Outubro, Vol. 29. 1984, p. 32-62

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes: Do Direito à Cidade à Revolução Urbana**. São Paulo, Martins Fontes, 2014.

HARVEY, David. **A Justiça Social e a Cidade**. São Paulo, Ed. Hucitec 1980.MARTINS, Dayse. **A paisagem da antiga Paraíba através dos mapas** . Primeiro Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica, Paraty. 10 a 13 de Maio, 2011.

NORA, Pierre, **Entre Memória e a História: A problemática dos lugares**. Proj História, São Paulo, 10, dez 1993.

PESAVERN, Sandra Jatahy. **Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. Esboços** : revista do Programa de Pós-Graduação em História, Departamento de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Vol. 11, n. 11 (2004), p. 25-30.

SANTOS, Milton . **A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão emoção**. São Paulo. HUCITEC,2002.

SITTE, Camillo. **A Construção das Cidades Segundo seus Princípios Artísticos**. São Paulo: Ática, 1992

SPIRN, Anne W. **The language of landscape**. New Haven, Yale University Press, 1998.

ZOLLINGER, Carla Brandão. **O Trapiche à beira da baía: a restauração do Unhão por Lina Bo Bardi**. Anais 7º seminário do docomomo Brasil, Porto Alegre, 2007. Disponível em <<https://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/012.pdf>>, acesso em 24/10/2007.

KRAUSS, Rosalind. **A escultura no campo ampliado**. Gávea vol. 1 PUC-Rio, 1984, p. 87-93.

